

ECATD-CAD 2019

*Estudo sobre o Consumo de Álcool, Tabaco, Drogas
e outros Comportamentos Aditivos e Dependências:
Portugal 2019*

ÁLCOOL

Ficha Técnica

Título: *ECATD-CAD 2019. Estudo sobre os Comportamentos de Consumo de Álcool, Tabaco, Drogas e outros Comportamentos Aditivos e Dependências: Portugal 2019. Álcool.*

Autores: Elsa Lavado e Vasco Calado

Editor: Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências

Morada: Parque de Saúde Pulido Valente, Alameda das Linhas de Torres, n.º 117 Edifício SICAD, 1750-147 Lisboa – Portugal

Edição: dezembro / 2021

ISBN: 978-989-53221-2-1

Esta informação está disponível no sítio web do Serviço de Intervenção nos Comportamentos e nas Dependências, <http://www.sicad.pt>.

SERVIÇO DE INTERVENÇÃO NOS COMPORTAMENTOS ADITIVOS E NAS DEPENDÊNCIAS

ECATD-CAD 2019

Estudo sobre o Consumo de Álcool,
Tabaco, Drogas e outros Comportamentos
Aditivos e Dependências: Portugal 2019

Álcool

3

SICAD/DMI/DEI

2021

Sumário Executivo

O presente relatório é um produto do *Estudo sobre o Consumo de Álcool, Tabaco, Drogas e outros Comportamentos Aditivos e Dependências (ECATD-CAD) 2019* e consiste numa análise dos padrões de consumo de bebidas alcoólicas e de outras matérias associadas ao seu consumo entre os alunos do ensino público, com idades entre os 13 e os 18 anos.

A principal conclusão é que o consumo de álcool permanece uma prática muito prevalente entre os adolescentes portugueses, se bem que tendencialmente esporádica. De facto, tudo aponta para que, entre os jovens, o consumo de álcool seja uma prática fortemente associada ao contexto festivo e particularmente a momentos de sociabilidade, não constituindo, portanto, algo que, de uma forma geral, faça parte do quotidiano.

Entre a população em estudo, verificam-se múltiplos padrões de consumo de álcool, nomeadamente no que diz respeito ao tipo de bebida alcoólica ingerida, sendo que cerveja, *alcopops* e bebidas destiladas se destacam como aquelas de maior consumo.

Face ao último estudo, realizado em 2015, verifica-se uma aproximação no consumo de álcool entre rapazes e raparigas, embora os primeiros registem uma maior frequência de consumo e continuem a destacar-se pela negativa no que diz respeito à precocidade do consumo ou à menor perceção de risco, por exemplo.

Os dados agora disponibilizados reforçam a importância de olhar para o consumo juvenil de bebidas alcoólicas como um fenómeno social, isto é, como uma prática que está necessariamente relacionada com as normas e os valores socioculturais mais abrangentes.

De facto, é preciso ter em consideração que o álcool é a substância ativa que os alunos consideram de acesso mais facilitado e que nem todos os inquiridos percecionam uma atitude parental de intransigência e condenação face à embriaguez (o que é mais notório entre aqueles que têm comportamentos de risco acrescido mais frequentemente). Por outro lado, em Portugal, o contacto com o álcool em idades muito precoces é relativamente comum, além de que grande parte do consumo juvenil (13-17 anos) tem

lugar em estabelecimentos de restauração e de diversão noturna (onde, por lei, o consumo está interdito a menores de idade).

Face a tudo isto, defende-se que não é possível analisar corretamente a ingestão de bebidas alcoólicas por parte dos adolescentes sem olhar para a dimensão do controlo social (e as suas deficiências), seja no domínio da oferta, seja no seio familiar e educativo, pois tal se reflete nas mentalidades, nas normas e nas atitudes que favorecem o consumo.

ALGUNS DESTAQUES:

- ✓ 38% dos alunos ingeriram uma bebida alcoólica nos últimos 30 dias;
- ✓ Entre aqueles que consumiram álcool no último mês, 49% ingeriram bebidas alcoólicas somente numa ou duas ocasiões durante esse período;
- ✓ As destiladas são o tipo de bebida alcoólica de maior consumo atual (28%), seguindo-se *alcopops* (27%) e cerveja (26%);
- ✓ O vinho é a bebida alcoólica que regista a menor prevalência nos últimos 30 dias (16%) e também aquela que mais consumidores de álcool em geral dizem nunca beber (52%);
- ✓ 12% dos alunos que ingeriram pelo menos uma bebida alcoólica ao longo da vida fizeram-no há mais de ano antes da aplicação do inquérito; 29% fizeram-na na semana anterior à inquirição;
- ✓ 2% dos alunos declararam um padrão de consumo de bebidas alcoólicas numa base diária ou quase diária, o que corresponde a 5% dos consumidores atuais;
- ✓ No último mês, 20% dos alunos consumiram álcool de uma forma *binge*, 17% embriagaram-se de forma ligeira e 9% de forma severa;
- ✓ 23% dos alunos que se embriagaram severamente no último mês fizeram-no em três ou mais ocasiões;
- ✓ Na última ocasião de consumo, 50% dos consumidores de álcool em geral ingeriram bebidas destiladas;
- ✓ No último dia de consumo, 50% dos consumidores de álcool ingeriram apenas um tipo de bebida alcoólica. Nessa ocasião, 2% beberam os cinco tipos de bebidas alcoólicas considerados;
- ✓ As destiladas são as bebidas alcoólicas mais ingeridas em associação com outro tipo de bebidas;
- ✓ Com exceção das bebidas destiladas, todas as outras bebidas alcoólicas foram consumidas tendencialmente nas menores doses consideradas. Pelo

contrário, 40% dos que já ingeriram alguma vez bebidas destiladas tomaram dois *shots* ou mais na última ocasião de consumo;

- ✓ A grande maioria dos consumidores de álcool declarou ter sentido poucos ou nenhuns efeitos de embriaguez na última ocasião de consumo;
- ✓ 51% dos alunos que já consumiram pelo menos uma bebida alcoólica ao longo da vida fizeram-no com 13 anos ou menos. Mesmo que tal não signifique que todos iniciaram um consumo continuado e regular de bebidas alcoólicas em idades tão precoces, o certo é que aqueles que declararam ter iniciado o consumo de álcool em idades mais precoces registam uma maior prevalência e, sobretudo, frequência de comportamentos de risco acrescido;
- ✓ A cerveja é a bebida alcoólica cujo consumo se inicia mais precocemente e as bebidas destiladas aquelas cujo consumo menos se inicia em idades tão precoces;
- ✓ Os alunos que consomem bebidas alcoólicas declaram que as motivações ligadas à diversão são aquelas que mais frequentemente se aplicam;
- ✓ A maior parte dos adolescentes atribui um risco elevado a moderado aos comportamentos nocivos considerados;
- ✓ Em comparação com os alunos que nunca ingeriram bebidas alcoólicas, os consumidores de álcool nos últimos 30 dias têm uma menor perceção dos riscos associados aos referidos comportamentos nocivos;
- ✓ Na sua maioria, os alunos tendem a declarar que o pai e mãe não permitiriam que se embriagassem, sendo que a reação da mãe é tendencialmente vista como a mais intransigente face à embriaguez. O certo é que entre o grupo de consumidores atuais de bebidas alcoólicas a perceção de permissividades parental perante a embriaguez é consideravelmente maior, o que evidencia a existência de uma relação entre a atitude parental percecionada e a prática da embriaguez;
- ✓ 34% dos alunos menores de idade (13-17 anos) que consumiram pelo menos uma bebida alcoólica nos últimos 30 dias adquiriram-na(s) em lojas;
- ✓ 68% dos alunos menores de idade (13-17 anos) que consumiram pelo menos uma bebida alcoólica no mês anterior à inquirição fizeram-no em estabelecimentos de restauração e de diversão noturna;
- ✓ Entre os alunos menores de idade (13-17 anos), os *alcopops* são o tipo de bebida alcoólica mais adquirido em loja para consumo próprio e a cerveja a bebida mais consumida nos referidos estabelecimentos;
- ✓ A cerveja é também a bebida alcoólica considerada de mais fácil acesso, enquanto as destiladas se destacam em sentido contrário;

- ✓ Em alguns aspetos, verifica-se uma aproximação entre os valores registados entre os alunos do sexo masculino e do sexo feminino. No entanto, os rapazes continuam a destacar-se pela maior frequência de consumo, menor perceção de risco, início de consumo mais precoce, entre outros indicadores;
- ✓ Verificam-se também diferenças consideráveis no que diz respeito ao tipo de bebida alcoólica: o consumo de cerveja é tendencialmente uma prática masculina, enquanto as raparigas registam maiores prevalências de consumo de bebidas destiladas.

Executive Summary

This report is a product of the *Study on the Consumption of Alcohol, Tobacco, Drugs and Other Addictive Behaviors and Dependencies (ECATD-CAD) 2019*, consisting of an analysis of consumption patterns of alcoholic beverages and other matters associated with alcohol consumption among public school students aged between 13 and 18.

The main conclusion is that alcohol consumption remains a very prevalent practice among Portuguese adolescents, although it tends to be sporadic. Evidence shows that, among young people, alcohol consumption is a practice strongly associated with the festive context and particularly with moments of sociability, not constituting something that, in general, is part of everyday life.

Among youngsters, there are multiple patterns of alcohol consumption, namely concerning the type of alcoholic beverage ingested, with beer, alcopops and distilled beverages standing out as those with the highest consumption.

Compared to the last study, carried out in 2015, there is an approximation in the boys' and girls' alcohol consumption, although the former register a higher frequency of consumption and continue to stand concerning the early onset of alcohol use or lower perception of risk, for example.

Data reinforce the importance of looking at youth consumption of alcoholic beverages as a social phenomenon, that is, as a practice that is necessarily related to broader sociocultural norms and values.

It is necessary to consider that alcohol is the psychoactive substance that students consider to have easier access and that not all respondents perceive a parental attitude of intransigence and condemnation in the face of drunkenness (which is more evident among those who have increased risk behaviours more often). On the other hand, in Portugal, contact with alcohol at very early ages is relatively common, in addition to the fact that a large part of youth consumption (13-17 years old) takes place in coffee shops, bars and discos (where, by law, consumption is prohibited to minors).

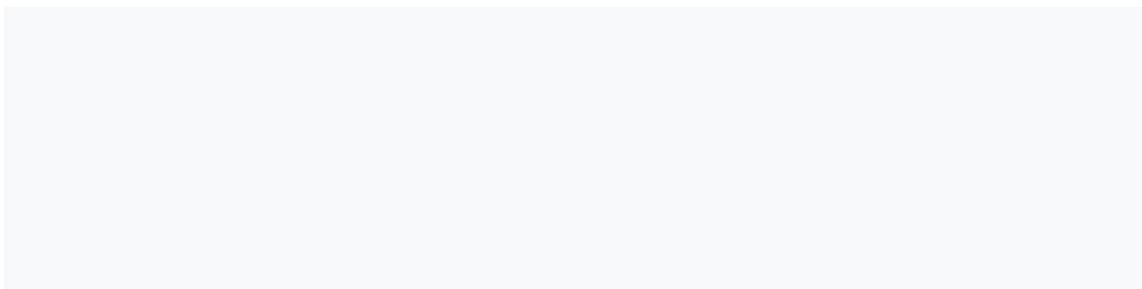
Given all this, we argue that one cannot analyze correctly the adolescents' alcohol consumption without looking at social control (and its deficiencies), whether in the domain of supply or within the family and school, as this is reflected in the mentalities, social norms and attitudes that favour consumption.

SOME HIGHLIGHTS:

- ✓ 38% of students drank an alcoholic beverage in the last 30 days;
- ✓ Among those who used alcohol in that period, 49% drank alcohol only on one or two occasions during this period;
- ✓ Spirits are the type of alcoholic beverage with the highest current consumption (28%), followed by alcopops (27%) and beer (26%);
- ✓ Wine is the alcoholic beverage with the lowest prevalence in the last 30 days (16%) and also the one that most alcohol users say they never drink (52%);
- ✓ 12% of alcohol lifetime users drank more than a year before the questionnaire was applied. 29% did so in the week before the survey;
- ✓ 2% of students have a pattern of consumption of alcoholic beverages on a daily or almost daily basis, which corresponds to 5% of current consumers;
- ✓ In the last month, 20% of the students consumed alcohol in a binge way, 17% were mildly drunk and 9% heavily;
- ✓ 23% of students who have been severely drunk in the last month have done so on three or more occasions;
- ✓ On the last occasion of consumption, 50% of alcohol users drank spirit beverages;
- ✓ On the last day of consumption, 50% of alcohol users consumed only one type of alcoholic beverage. On that occasion, 2% drank the five types of alcoholic beverages considered;
- ✓ Spirits are the most ingested alcoholic beverages in association with other types of beverages;
- ✓ Except for spirit beverages, all other alcoholic beverages tended to be consumed in the lowest doses considered. On the contrary, 40% of lifetime consumers of spirits beverages drank two shots or more on the last occasion of consumption;
- ✓ The vast majority of alcohol consumers declared to have felt few or no effects of intoxication on the last occasion of consumption;

- ✓ 51% of students who have consumed at least one alcoholic beverage in their lifetime did so when they were 13 years old or younger. Even if this does not mean that everyone started a continuous and regular consumption of alcoholic beverages at such an early age, truth is that those who declared to have started drinking alcohol at an earlier age register a higher prevalence and, above all, frequency of drunkenness;
- ✓ Beer is the alcoholic beverage whose consumption begins earlier. The onset use of spirits beverages is the less early;
- ✓ Students who consume alcoholic beverages declare that the motivations related to leisure are the ones that most often apply;
- ✓ Most adolescents attribute a high to moderate risk to the considered harmful behaviours;
- ✓ Compared with students who never drank alcohol, alcohol consumers in the last 30 days have a lower perception of the risks associated with these harmful behaviours;
- ✓ Most of the students tend to declare that the father and mother would not allow them to get drunk, and the mother's reaction tends to be seen as the most intransigent. What is certain is that among the group of current consumers of alcoholic beverages, the perception of parental permissiveness towards drunkenness is considerably higher, which shows the existence of a relationship between the perceived parental attitude and the practice of drunkenness;
- ✓ 34% of underage students (13-17 years old) who consumed at least one alcoholic beverage in the last 30 days purchased it in stores;
- ✓ 68% of underage students (13-17 years old) who consumed at least one alcoholic beverage in the month before the survey did so in restaurants and nightlife establishments;
- ✓ Among underage students (13-17 years old), alcopops are the type of alcoholic beverage most purchased in stores for their consumption and beer is the most consumed beverage in these establishments;
- ✓ Beer is also the alcoholic beverage considered to be the easiest to access, while distilled beverages stand out in the opposite direction;
- ✓ In some aspects, there is an approximation between male and female students' drinking patterns. However, boys continue to stand out for their higher frequency of consumption, lower perception of risk, early onset of alcohol use, among other indicators;

- ✓ There are also considerable differences concerning the type of alcoholic beverage: beer consumption tends to be a male practice, while girls have a higher prevalence of consumption of spirits beverages.



Agradecimentos

O primeiro agradecimento não podia deixar de ser para todos os alunos que colaboraram com o estudo, extensível aos encarregados de educação que autorizaram a sua participação. Igual agradecimento é devido a todos os professores que, de uma forma generosa, ajudaram a aplicar o questionário em sala de aula, bem como aos diretores de agrupamentos e escolas não agrupadas que, reconhecendo a importância do projeto, aceitaram participar e disponibilizaram os meios para que a aplicação do questionário na(s) sua(s) escola(s) decorresse da melhor forma possível.

Um agradecimento especial a Fernanda Feijão, que, durante muitos anos, foi o rosto do projeto ESPAD em Portugal e quem coordenou o estudo ECATD-CAD desde o início (2003). No final de 2018, com a merecida aposentadoria, interrompeu a colaboração com o SICAD, mas ainda a tempo de ter desempenhado um papel importante na preparação da presente edição do estudo. Igual agradecimento é devido a Carla Ribeiro (Chefe da Divisão de Estatística e Investigação do SICAD) pela colaboração, suporte e apoio em todos os momentos desta jornada.

Por fim, uma palavra de agradecimento também a todos que, de uma forma ou de outra, contribuíram para este estudo, nomeadamente:

SICAD

Direção – Dr. João Goulão (Diretor Geral) e Dr. Manuel Cardoso (Subdiretor Geral)

Direção de Serviços Monitorização e Informação – Dr.ª Alcina Ló (Diretora Serviços)

Divisão de Estatística e Investigação do SICAD - colegas da DEI em especial Anabela Bento, Helena Neto, Liliana Ferreira e Rosário Mendes

Divisão de Comunicação e Informação – Dr.ª Sónia Ferreira (Chefe de Divisão), Magda Matos

Divisão de Gestão de Recursos – Dr.ª Maria José Ribeiro (Chefe de Divisão), Dr. Paulo Sérvolo, Dr.ª Márcia Pontinha, Ana Jorge e Helena Maravilha

Ministério da Educação

Direção-Geral da Educação – Dr. José Vítor Pedroso (Diretor-Geral) e Dr. Rui Lima

Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência – Dr. Nuno Rodrigues (Diretor-Geral)

Região Autónoma da Madeira

IASAÚDE – Dr. Herberto Jesus (Presidente), Dr. Néilson Carvalho (Diretor da Unidade Operacional de Intervenção em Comportamentos Aditivos e Dependências)

Direção Regional da Educação – Dr. Marco Gomes (Diretor Regional)

Região Autónoma dos Açores

Secretaria Regional da Educação e Cultura – Dr. Avelino de Freitas de Meneses (Secretário Regional)

Secretaria Regional da Saúde – Dr. Rui Duarte Gonçalves Luís (Secretário Regional), Dr^a. Suzete Frias (Diretora Regional de Prevenção e Combate às Dependências)

Secretário de Estado Adjunto e da Saúde – Dr. António Sales

Secretário de Estado Adjunto e da Educação – Prof. Doutor João Costa

A todos reiteramos os nossos agradecimentos pela disponibilidade e colaboração.

Índice

Sumário Executivo	5
Executive Summary	9
Agradecimentos	13
Índice	15
Índice de gráficos	17
Introdução	21
Consumo	23
Prevalências e frequências de consumo	23
Padrões de consumo de risco acrescido	29
Último dia de consumo	33
Início precoce	44
Motivações	47
Percepções	49
Risco	49
Atitudes parentais	52
Acessibilidade (13-17 anos)	55
Aquisição e consumo	55
Percepção da facilidade de acesso	60
Discussão e Análise	61
Conclusão	67
Referências Bibliográficas	71

Índice de gráficos

Figura 1 – Prevalências de consumo de álcool ao longo da vida, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias (%). Portugal 2019.....	24
Figura 2 – Prevalências de consumo nos últimos 30 dias, por tipo de bebida alcoólica (%). Portugal 2019.....	24
Figura 3 – Consumidores de álcool ao longo da vida que declaram nunca consumir os diferentes tipos de bebidas alcoólicas (%). Portugal 2019.....	26
Figura 4 – Número de ocasiões de consumo nos últimos 30 dias, entre total de inquiridos e consumidores atuais (%). Portugal 2019.....	27
Figura 5 – Número de ocasiões de consumo nos últimos 30 dias, entre consumidores atuais, por tipo de bebida alcoólica (%). Portugal 2019	28
Figura 6 – Consumo diário: frequência de consumo de álcool 20 vezes ou mais nos últimos 30 dias, entre inquiridos e consumidores atuais (%). Portugal 2019	29
Figura 7 – Padrões de consumo de risco acrescido ao longo da vida, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias (%). Portugal 2019	30
Figura 8 – Padrões de consumo de risco acrescido nos últimos 30 dias, entre consumidores atuais (%). Portugal 2019	31
Figura 9 – Última ocasião de consumo de álcool, por data, entre total de inquiridos (%). Portugal 2019.....	33
Figura 10 – Última ocasião de consumo de álcool, por data, entre consumidores ao longo da vida (%). Portugal 2019.....	34
Figura 11 – Última ocasião de consumo de álcool, por data e sexo, entre total de inquiridos (%). Portugal 2019.....	35
Figura 12 – Última ocasião de consumo de álcool, por data e sexo, entre consumidores ao longo da vida (%). Portugal 2019	35
Figura 13 – Tipo de bebida alcoólica ingerida na última ocasião de consumo de álcool, entre consumidores ao longo da vida (%). Portugal 2019.....	36
Figura 14 – Tipo de bebida alcoólica ingerida na última ocasião de consumo de álcool, por sexo, entre consumidores ao longo da vida (%). Portugal 2019.....	37
Figura 15 – Associações mais comuns de bebidas alcoólicas ingeridas na última ocasião de consumo (%). Portugal 2019.....	38

Figura 16 – Quantidade de cerveja ingerida no último dia de ocasião de consumo, entre consumidores de cerveja ao longo da vida (%). Portugal 2019.....	39
Figura 17 – Quantidade de alcopops ingerida no último dia de ocasião de consumo, entre consumidores de alcopops ao longo da vida (%). Portugal 2019	40
Figura 18 – Quantidade de misturas caseiras ingerida no último dia de ocasião de consumo, entre consumidores de misturas caseiras ao longo da vida (%). Portugal 2019.....	40
Figura 19 – Quantidade de vinho ingerida no último dia de ocasião de consumo, entre consumidores de vinho ao longo da vida (%). Portugal 2019.....	41
Figura 20 – Quantidade de destiladas ingerida no último dia de ocasião de consumo, entre consumidores de destiladas ao longo da vida (%). Portugal 2019	41
Figura 21 – Perceção de embriaguez* no último dia de consumo de álcool, entre consumidores ao longo da vida (%). Portugal 2019.....	42
Figura 22 – Idades de início: 13 anos ou menos, entre total de inquiridos e consumidores ao longo da vida (%). Portugal 2019	44
Figura 23 – Idades de início: 13 anos ou menos, entre total de inquiridos, por sexo (%). Portugal 2019.....	45
Figura 24 – Motivações de consumo nos últimos 12 meses (sempre ou frequentemente), entre consumidores recentes de álcool (resposta múltipla) (%). Portugal 2019.....	48
Figura 25 – Perceções de risco, entre inquiridos (%). Portugal 2019	50
Figura 26 – Perceções de risco, entre consumidores atuais (%). Portugal 2019	50
Figura 27 – Perceções de risco (1/2 bebidas alcoólicas diariamente), entre inquiridos, por sexo (%). Portugal 2019.....	51
Figura 28 – Perceções de risco (1/2 bebidas alcoólicas diariamente), entre consumidores atuais, por sexo (%). Portugal 2019	51
Figura 29 – Perceções da atitude do pai e da mãe, perante a embriaguez do filho, entre inquiridos (%). Portugal 2019.....	53
Figura 30 – Perceções da atitude do pai e da mãe, perante a embriaguez do filho, entre consumidores atuais (%). Portugal 2019.....	53
Figura 31 – Perceções da atitude do pai, perante a embriaguez do/a filho/a, entre consumidores atuais e inquiridos que nunca ingeriram bebidas alcoólicas (%). Portugal 2019	54
Figura 32 – Perceções da atitude do mãe, perante a embriaguez do/a filho/a, entre consumidores atuais e inquiridos que nunca ingeriram bebidas alcoólicas (%). Portugal 2019	54
Figura 33 – Prevalências de aquisição em loja para consumo próprio e consumo de álcool no local (café, restaurante, bar, pub, discoteca, etc.) nos últimos 30 dias, entre total de inquiridos e consumidores atuais: 13/17 anos de idade (%). Portugal 2019	56
Figura 34 – Prevalências de aquisição em loja para consumo próprio nos últimos 30 dias, por tipo de bebida, entre total de inquiridos e consumidores atuais: 13/17 anos de idade (%). Portugal 2019.....	57
Figura 35 – Prevalências de consumo de álcool no local (café, restaurante, bar, pub, discoteca, etc.) nos últimos 30 dias, por tipo de bebida, entre total de inquiridos e consumidores atuais: 13/17 anos de idade (%). Portugal 2019	57

Figura 36 – Número de ocasiões de aquisição em loja para consumo próprio nos últimos 30 dias, entre consumidores atuais, por tipo de bebida alcoólica: 13/17 anos de idade (%). Portugal 2019	58
Figura 37 – Número de ocasiões de consumo de álcool no local (café, restaurante, bar, pub, discoteca, etc.) nos últimos 30 dias, entre consumidores atuais, por tipo de bebida alcoólica: 13/17 anos de idade (%). Portugal 2019	59
Figura 38 – Acesso fácil / muito fácil, entre inquiridos (%). Portugal 2019	60

Introdução

Este é o quarto relatório produzido no âmbito do Estudo sobre o Consumo de Álcool, Tabaco, Drogas e outros Comportamentos Aditivos e Dependências (ECATD-CAD) 2019, depois de já terem sido publicados os resultados nacionais¹ e regionais², bem como um volume dedicado à dimensão problemática dos diferentes comportamentos aditivos³.

O presente documento centra-se no álcool, indiscutivelmente a substância psicoativa de maior consumo por parte da população portuguesa, a uma distância considerável das restantes (entre outras, tabaco, drogas ilícitas, medicamentos com efeitos psicoativos)⁴. Esta é também a realidade que se verifica entre a população em estudo, pelo que se justifica dedicar um volume exclusivamente a esta substância psicoativa, cada vez mais de consumo transversal⁵.

Como se constatou nos relatórios ECATD-CAD publicados até aqui, em Portugal, o álcool é uma substância amplamente consumida pelos adolescentes que frequentam o ensino público, mas também uma cujo consumo por parte de alguns está associado a um conjunto de problemas e a uma dimensão problemática. A análise que se segue procura dar a conhecer de forma um pouco mais detalhada o consumo de bebidas alcoólicas por parte dos jovens portugueses. A prevalência e a frequência do consumo de álcool, incluindo alguns comportamentos de risco acrescido, bem como a precocidade do consumo, as motivações e as percepções associadas ao consumo são as principais dimensões analisadas no presente documento.

Reconhecendo a importância de detalhar a informação relativa ao consumo atual de bebidas alcoólicas – isto é, aquele que ocorreu nos 30 dias anteriores à inquirição –, o questionário aplicado incluía algumas questões especificamente sobre esta temporalidade, nomeadamente no que concerne ao tipo de bebida ingerida. Segundo a

1 Lavado & Calado, 2020

2 Calado & Lavado, 2020

3 Calado & Lavado, 2021

4 Balsa, Vital & Urbano, 2018

5 SICAD, 2020

mesma lógica, no presente relatório é dada maior atenção aos alunos que ingeriram pelo menos uma bebida alcoólica no último mês (aqui considerados consumidores atuais) do que àqueles que beberam álcool anteriormente, mas não nos 30 dias anteriores à inquirição, aqui considerados consumidores recentes (os que consumiram no último ano) ou experimentais (os que consumiram alguma vez na vida).

Relembre-se que o ECATD-CAD é um estudo representativo a nível nacional e regional, globalmente e por sexo; sendo a amostra (N=26.319) ligeiramente mais feminina (54%) do que masculina (46%), e os alunos mais velhos (16-18 anos) encontram-se em maior proporção (55%) do que os alunos mais novos (13-15 anos) (45%). O Norte é a região mais representada (34%), seguindo-se a Área Metropolitana (23%) e a região Centro (19%).

Mais uma vez, remete-se para o relatório nacional para uma discussão mais detalhada acerca do enquadramento e dos procedimentos metodológicos do estudo, de que este relatório é mais um produto.

Consumo

Prevalências e frequências de consumo

Como se constatou nos relatórios anteriores, em Portugal, o álcool é, de longe, a substância psicoativa mais consumida pelos alunos do ensino público com idades entre os 13 e os 18⁶ anos, à semelhança do que se passa um pouco por toda a Europa no que respeita aos jovens de 16 anos⁷.

Mesmo tratando-se de produtos interditos por lei a menores, por cá, a grande maioria dos adolescentes que frequentam escolas públicas já consumiu pelo menos uma bebida alcoólica ao longo da vida (68%). Mais de metade (59%) fê-lo nos 12 meses anteriores à inquirição e mais de um terço (38%) no último mês (Figura 1).

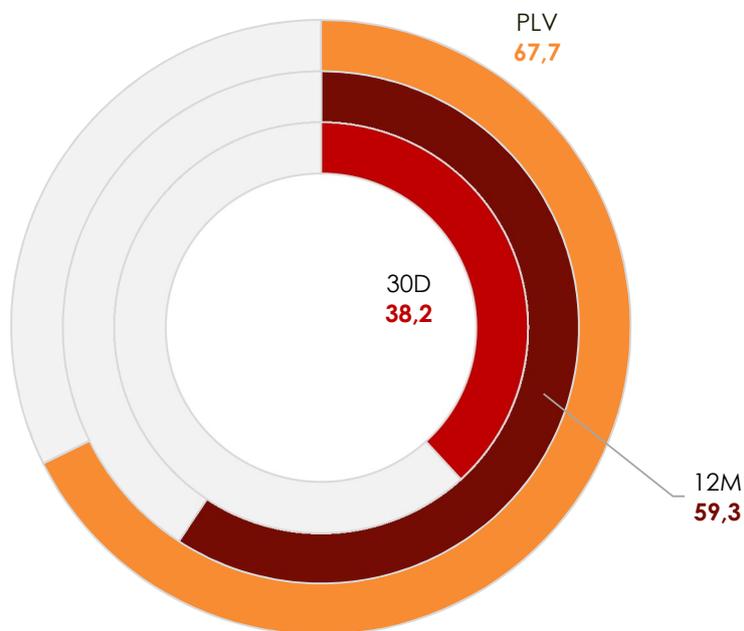
No que respeita ao consumo atual, verifica-se que as destiladas, os *alcopops*⁸ e a cerveja são as bebidas alcoólicas com maior expressão entre os alunos, enquanto as misturas caseiras e, sobretudo, o vinho são as formas menos comuns de consumir álcool (Figura 2).

⁶ Por forma a garantir o anonimato das respostas, aos alunos não era perguntado a data de nascimento, apenas o ano em que nasceram. Desta forma, quando se fala em idade está em causa a idade que os respondentes completavam no ano da inquirição. Como o questionário foi aplicado no início do ano (março e abril), mesmo o grupo etário dos 18 anos é composto tendencialmente por indivíduos menores de idade. Este aspeto é importante na questão do álcool, dado que 18 anos é a idade legal a partir do qual a aquisição e o consumo de bebidas alcoólicas são permitidos.

⁷ ESPAD Group, 2020.

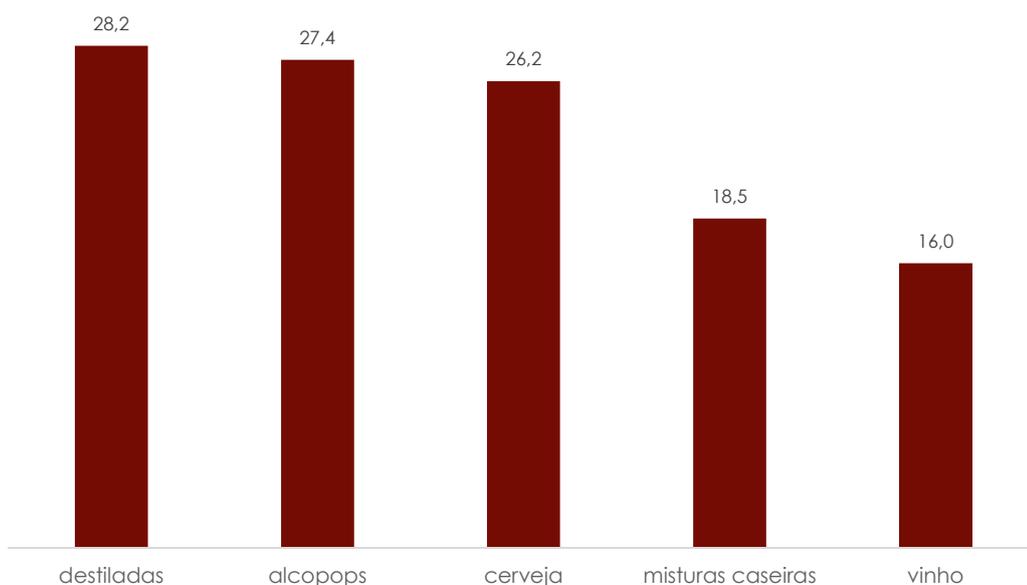
⁸ Alcopops são aqui entendidas como «garrafas/latas de sumos com bebidas alcoólicas», tipicamente com um menor teor de álcool do que outro tipo de bebidas alcoólicas.

Figura 1 – Prevalências de consumo de álcool ao longo da vida, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias (%). Portugal 2019



Fonte: SICAD/DMI/DEI

Figura 2 – Prevalências de consumo nos últimos 30 dias, por tipo de bebida alcoólica (%). Portugal 2019



Fonte: ECATD-CAD/2019 - SICAD/DMI/DEI

Quando se analisam as prevalências de consumo de álcool por sexo, verifica-se que os valores são muito aproximados entre os alunos de ambos os sexos, sendo que, entre as raparigas, a prevalência é marginalmente superior (+1 ponto percentual) no que diz respeito ao consumo recente, enquanto, no que concerne ao consumo atual, se verifica o inverso (-1 ponto percentual).

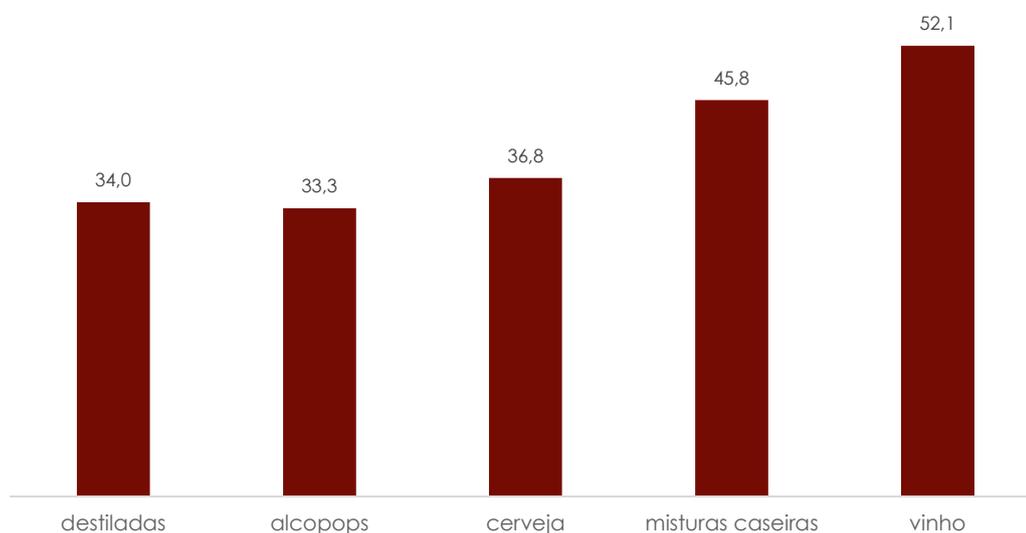
Por tipo de bebida alcoólica, as diferenças entre os dois sexos são mais acentuadas. O consumo nos últimos 30 dias é mais feminino do que masculino no que diz respeito a bebidas destiladas (+ 3 pontos percentuais), *alcopops* (+2 pontos percentuais) e misturas caseiras (+2 pontos percentuais), enquanto, no que concerne a cerveja, o consumo atual é predominantemente masculino (+8 pontos percentuais). Em relação ao vinho, os valores registados por ambos os sexos são muito aproximados.

A partir de uma questão sobre a quantidade de álcool ingerida no último dia de consumo, por tipo de bebida alcoólica⁹ (objeto de análise mais à frente), é possível quantificar a percentagem de consumidores que dizem nunca consumir determinada bebida alcoólica. Tal permite complementar a informação sobre as prevalências de consumo, ajudando a traçar um retrato mais abrangente do fenómeno, em especial entre aqueles que já consumiram bebidas alcoólicas ou que têm hábitos de consumo.

Assim, dos alunos que alguma vez tomaram pelo menos uma bebida alcoólica ao longo da vida, cerca de metade (52%) declararam que nunca bebe vinho, enquanto um pouco menos de metade (46%) declarou o mesmo em relação às misturas caseiras. Como se viu, no que respeita à temporalidade dos últimos 30 dias, bebidas destiladas, *alcopops* e cerveja são as formas mais prevalentes de ingerir álcool nesta faixa etária, e também as bebidas alcoólicas com a menor percentagem – mas ainda assim estão em causa percentagens bastante relevantes (entre 33% e 37%) – de consumidores que declaram nunca as consumir. Tudo aponta, portanto, para uma diversidade de consumos de álcool entre os alunos, verificando-se padrões de ingestão de bebidas alcoólicas plurais e bem definidos, pois mesmo aquelas mais consumidas não deixam de ser rejeitadas por uma percentagem considerável de consumidores de álcool em geral (Figura 3).

⁹ Para cada tipo de bebida alcoólica, o aluno podia indicar a quantidade ingerida no último dia de consumo, indicar que, na ocasião, não tomara esse tipo de bebida ou declarar que nunca bebe tal bebida alcoólica.

Figura 3 – Consumidores de álcool ao longo da vida que declaram nunca consumir os diferentes tipos de bebidas alcoólicas (%). Portugal 2019



Fonte: ECATD-CAD/2019 - SICAD/DMI/DEI

Se as prevalências de consumo não podem deixar de ser consideradas elevadas, em contrapartida, a frequência de consumo atual de bebidas alcoólicas é sobretudo esporádica, sendo minoritários aqueles que declaram ter ingerido bebidas alcoólicas de forma assídua no mês anterior à inquirição. Os alunos que tomaram bebidas alcoólicas em mais do que duas ocasiões no mês anterior à inquirição constituem 18%, o que significa que a grande maioria ou não consumiu álcool de todo (63%) ou bebeu apenas numa ou duas ocasiões durante esse período (19%).

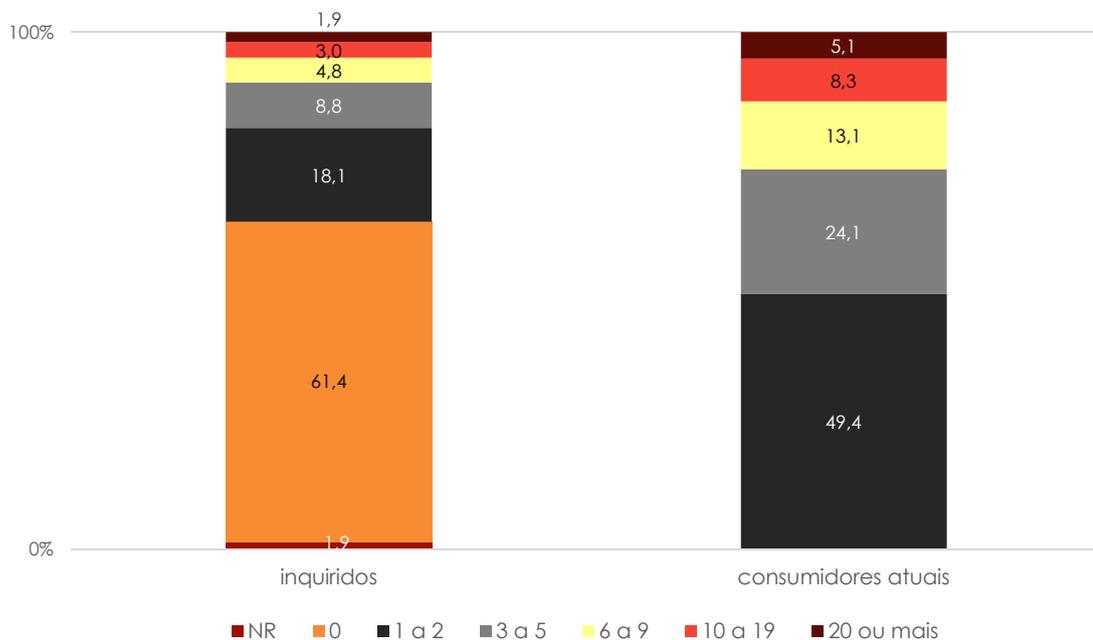
26

Restringindo a análise aos consumidores atuais, como expectável, a percentagem que consumiu com maior frequência aumenta. Não obstante, a tendência mantém-se: cerca de metade (49%) dos alunos que consumiram álcool nos últimos 30 dias fê-lo em uma ou duas ocasiões, enquanto a percentagem de consumidores atuais que consumiram em 10 ou mais ocasiões no último mês é muito menos expressiva (13%) (Figura 4).

Ou seja, deve ter-se a noção que, entre a população em estudo, falar de consumidores atuais é falar sobretudo de indivíduos que consomem esporadicamente, pelo menos no que ao número de ocasiões de consumo diz respeito.

Em número de ocasiões, o consumo de bebidas alcoólicas tende a ser manifestamente mais frequente entre os alunos do sexo masculino. Enquanto 18% dos consumidores atuais do sexo masculino ingeriram bebidas alcoólicas em 10 ou mais ocasiões no último mês, o valor registado entre as consumidoras do sexo feminino é metade (9%). Em sentido contrário, os consumidores atuais que, no último mês, ingeriram bebidas alcoólicas em somente uma ou duas ocasiões são proporcionalmente mais do sexo feminino (56%) do que do sexo masculino (42%).

Figura 4 – Número de ocasiões de consumo nos últimos 30 dias, entre total de inquiridos e consumidores atuais (%). Portugal 2019



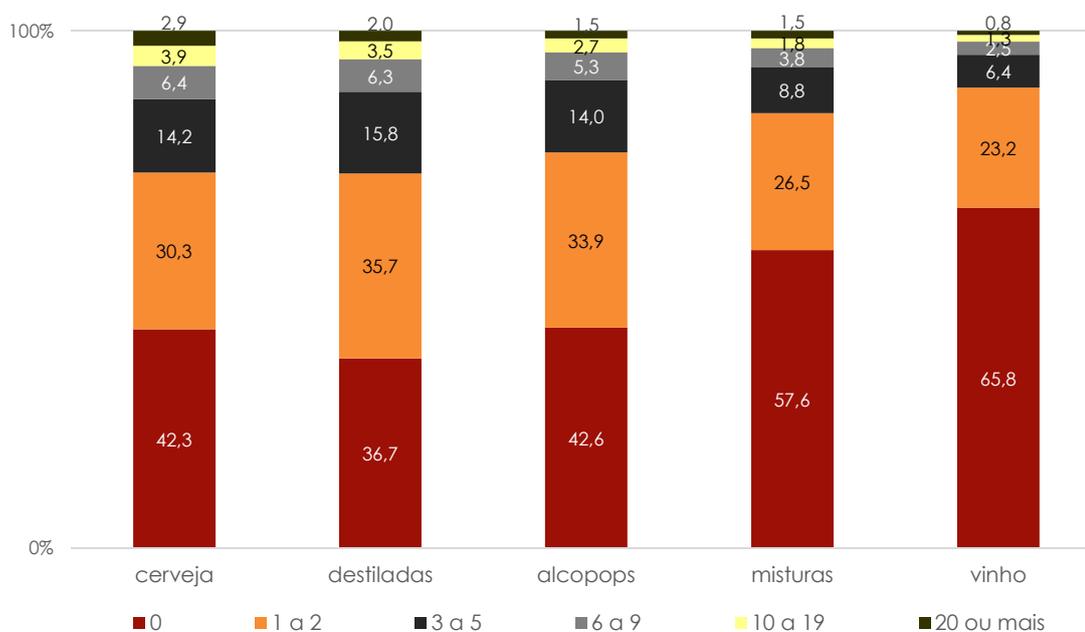
Fonte: ECATD-CAD/2019 - SICAD/DMI/DEI

Analisando a frequência de consumo por tipo de bebida alcoólica, verifica-se que a cerveja e as destiladas são aquelas que os consumidores atuais ingerem num maior número de ocasiões, enquanto as misturas caseiras e, sobretudo, o vinho se destacam em sentido contrário. Parece haver, portanto, uma correspondência entre a prevalência e a frequência de consumo, dado que as bebidas alcoólicas consumidas de forma mais prevalente são também aquelas que os consumidores atuais ingerem em maior número de ocasiões. No entanto, a correspondência não é total: a cerveja, cuja prevalência de consumo atual está ligeiramente abaixo das prevalências de destiladas e *alcopops*, é a bebida mais ingerida pelos consumidores atuais em 10 ou mais ocasiões no último mês (Figura 5).

É de destacar que 2/3 dos alunos que no mês anterior à inquirição ingeriram bebidas alcoólicas não beberam vinho, enquanto as bebidas destiladas se destacam em sentido contrário: apenas um pouco mais de 1/3 (37%) não ingeriu bebidas destiladas no último mês.

É possível concluir, portanto, que as bebidas destiladas são o tipo de bebida alcoólica mais consumido pelos alunos, embora a cerveja seja a bebida alcoólica que os consumidores atuais ingerem num número maior de ocasiões. Seja como for, neste particular, as diferenças não são particularmente relevantes, exceto relativamente às misturas caseiras e, sobretudo, ao vinho, de evidente menor consumo entre os adolescentes, seja em termos de prevalência, seja relativamente à frequência.

Figura 5 – Número de ocasiões de consumo nos últimos 30 dias, entre consumidores atuais, por tipo de bebida alcoólica (%). Portugal 2019



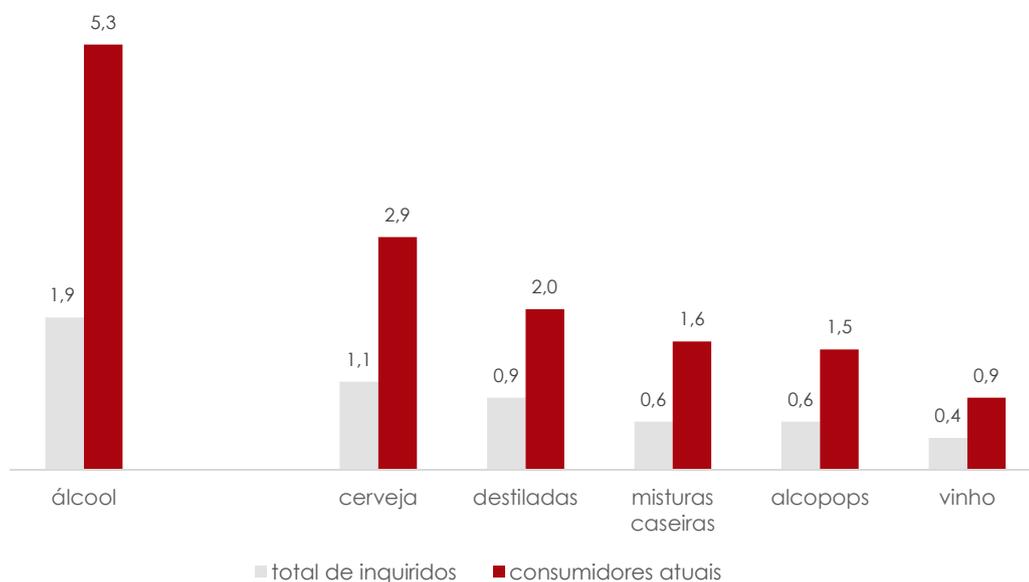
Fonte: ECATD-CAD/2019 - SICAD/DMI/DEI

Para todas as bebidas alcoólicas o consumo é tendencialmente mais frequente (em número de ocasiões) entre os consumidores do sexo masculino. A diferença entre os dois sexos é proporcionalmente mais acentuada no que diz respeito à cerveja e menos no que concerne às misturas e aos *alcopops*. Para se ter uma ideia, enquanto 11% dos consumidores atuais do sexo masculino ingeriram cerveja em 10 ou mais ocasiões no último mês, entre as consumidoras do sexo feminino registou-se um valor cerca de duas a três vezes inferior (4%).

Padrões de consumo de risco acrescido

Entre o total de inquiridos, a prática da ingestão de bebidas alcoólicas numa base diária ou quase diária é pouco mais do que residual (2%). No entanto, quando a análise se restringe aos alunos que ingeriram bebidas alcoólicas nos 30 dias anteriores à inquirição, a percentagem que o fez em 20 ou mais vezes é um pouco mais expressiva (5%). A cerveja é o tipo de bebida alcoólica de maior consumo numa base diária ou quase diária (3%), enquanto o vinho é a bebida alcoólica que menos consumidores atuais ingerem diariamente ou quase (1%) (Figura 6).

Figura 6 – Consumo diário: frequência de consumo de álcool 20 vezes ou mais nos últimos 30 dias, entre inquiridos e consumidores atuais (%). Portugal 2019

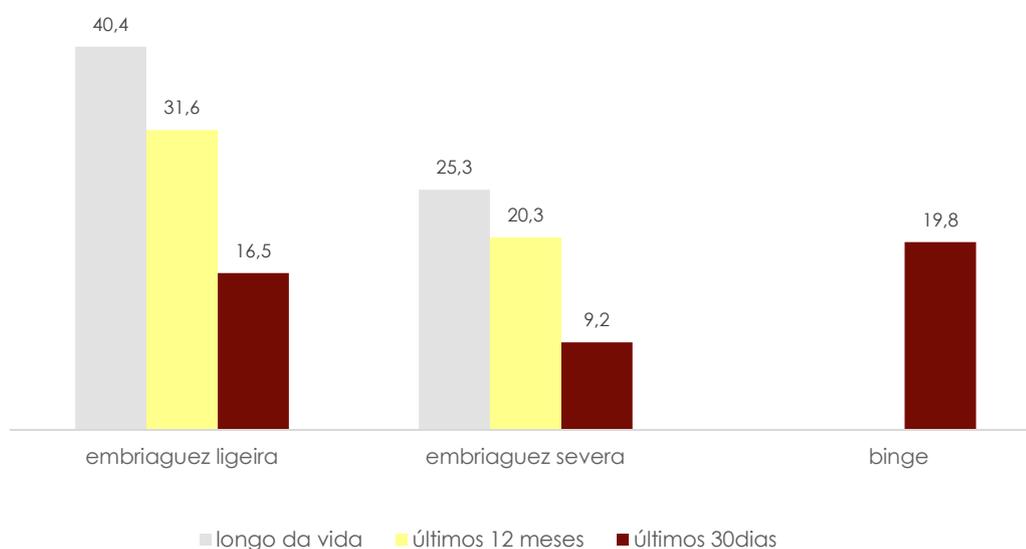


Fonte: ECATD-CAD/2019 - SICAD/DMI/DEI

Relativamente à embriaguez, 4 em cada 10 alunos declararam já ter ingerido bebidas alcoólicas ao ponto de se sentirem ligeiramente embriagados, enquanto no último ano 32% fizeram o mesmo e 17% no último mês. As percentagens relativas à embriaguez severa são inferiores, mas ainda assim consideráveis (PLV: 25%, 12M: 20%, 30D: 9%). No que concerne ao consumo *binge* (5 ou mais doses numa mesma ocasião), 2 em cada 10 alunos ingeriram bebidas alcoólicas dessa forma no último mês (Figura 7).

No que diz respeito às diferenças, entre o grupo masculino e feminino, relativas aos comportamentos de risco acrescido, no total de inquiridos, a prevalência de embriaguez ligeira é ligeiramente maior entre as raparigas (com exceção da temporalidade dos últimos 30 dias, onde não se verifica diferença), enquanto a embriaguez severa e o consumo *binge* são práticas mais masculinas do que femininas, ainda que a diferença não seja particularmente acentuada.

Figura 7 – Padrões de consumo de risco acrescido ao longo da vida, nos últimos 12 meses e nos últimos 30 dias (%). Portugal 2019



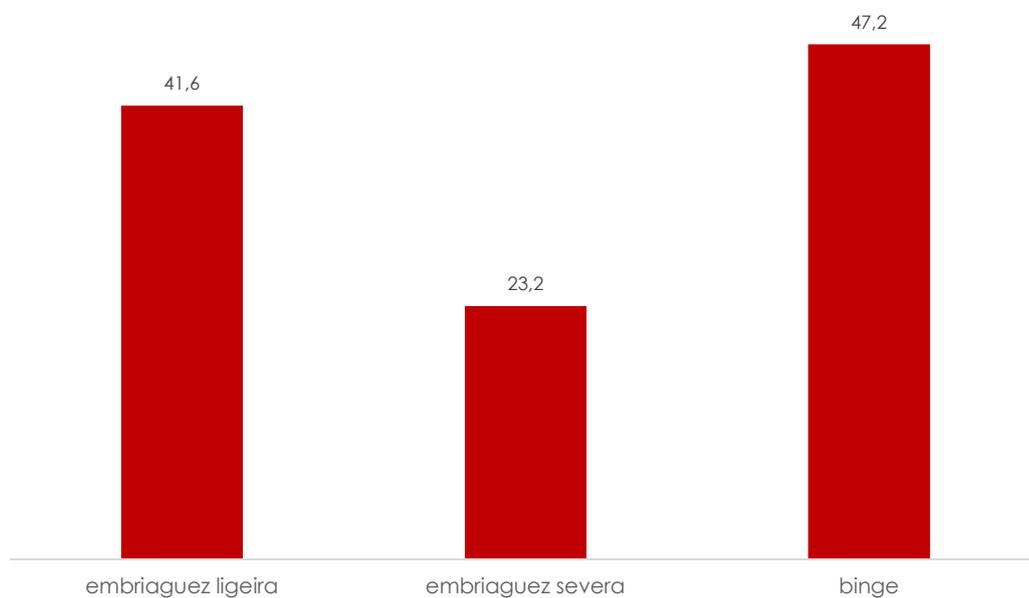
Fonte: ECATD-CAD/2019 - SICAD/DMI/DEI

Quando a análise se restringe aos consumidores atuais, os comportamentos de risco acrescido revelam-se bem mais prevalentes, sendo que 42% e 23% dos alunos que beberam álcool no último mês declararam ter-se embriagado de forma ligeira e severa, respetivamente, nos 30 dias anteriores à inquirição. O consumo *binge* é ainda mais

expressivo: um pouco menos de metade (47%) dos consumidores atuais ingeriram álcool desta forma no último mês (Figura 8).

Entre consumidores de álcool, as diferenças, quanto ao sexo, assumem maior expressão no que diz respeito ao consumo *binge* nos últimos 30 dias, que é uma prática predominantemente masculina (+7 pontos percentuais). Embora de forma menos acentuada, também a embriaguez severa é mais prevalente entre os alunos do sexo masculino, enquanto os valores relativos à embriaguez ligeira pouco ou nada variam em função do sexo.

Figura 8 – Padrões de consumo de risco acrescido nos últimos 30 dias, entre consumidores atuais (%). Portugal 2019



Fonte: ECATD-CAD/2019 - SICAD/DMI/DEI

Mais uma vez, verifica-se que quem adota este tipo de comportamentos tende a fazê-lo de forma esporádica, sendo que tal é mais acentuado no caso da embriaguez severa e menos no caso do *binge*. A grande maioria teve estas práticas uma ou duas vezes no último mês, ainda que a percentagem que o tenha feito em várias ocasiões seja, ainda assim, bastante relevante. De facto, 23% dos que se embriagaram de forma severa nos 30 dias anteriores à inquirição fizeram-no por três ou mais vezes durante o mesmo período. No caso da embriaguez ligeira, a mesma percentagem é de 31%, enquanto, no que respeita ao *binge*, 33% dos que beberam dessa forma no último mês fizeram-no por três ou mais vezes.

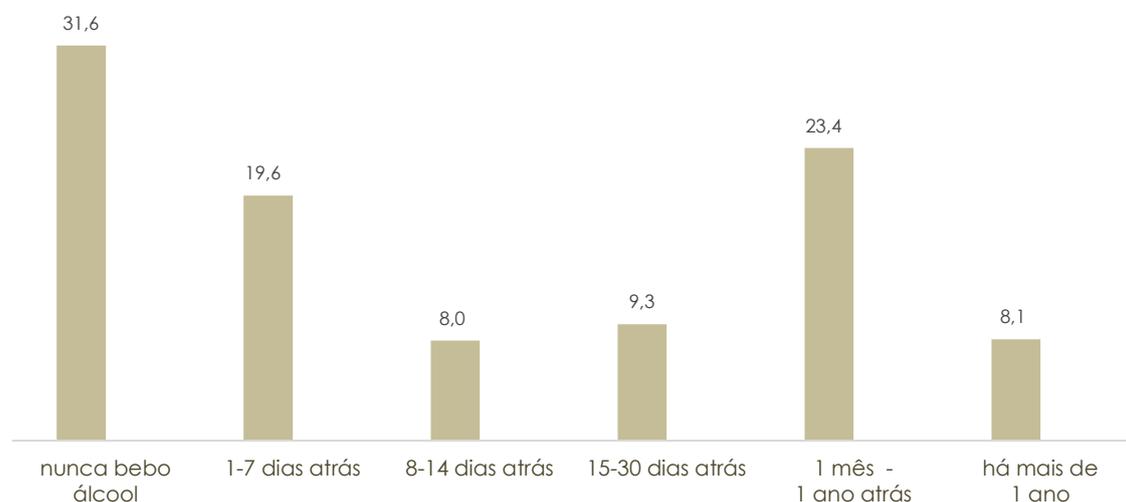
Os consumidores de álcool do sexo masculino tendem a ter estes comportamentos de risco acrescido num maior número de ocasiões do que as do sexo feminino.

Último dia de consumo

O questionário aplicado junto dos alunos incluía um bloco de questões sobre o último dia de consumo, nomeadamente no que se refere à data da última ocasião de consumo, ao tipo de bebidas alcoólicas consumidas nessa ocasião e à quantidade ingerida, o que constitui informação particularmente relevante.

No que concerne à data, um pouco menos de metade (40%) dos alunos declarou não consumir álcool de todo ou então não ter consumido recentemente, isto é, nos 12 meses anteriores à aplicação do inquérito. Em contrapartida, é possível constatar que um em cada cinco alunos ingeriu bebidas alcoólicas na semana anterior à inquirição (Figura 9).

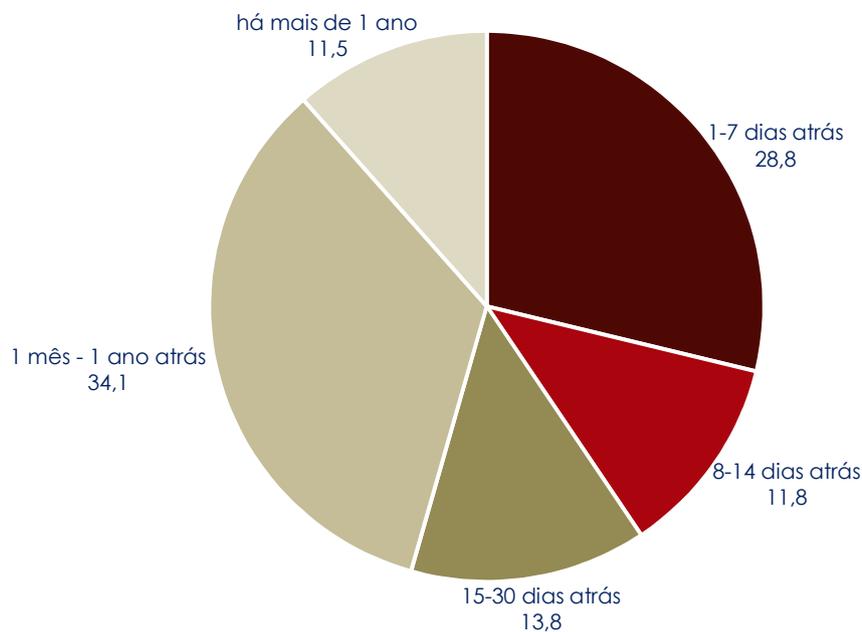
Figura 9 – Última ocasião de consumo de álcool, por data, entre total de inquiridos (%).
Portugal 2019



Fonte: ECATD-CAD/2019 - SICAD/DMI/DEI

Restringindo a análise aos alunos que já alguma vez tomaram bebidas alcoólicas, verifica-se que um pouco mais de metade (54%) consumiu no mês anterior à inquirição, incluindo 29% que o fizeram na semana anterior (Figura 10).

Figura 10 – Última ocasião de consumo de álcool, por data, entre consumidores ao longo da vida (%). Portugal 2019



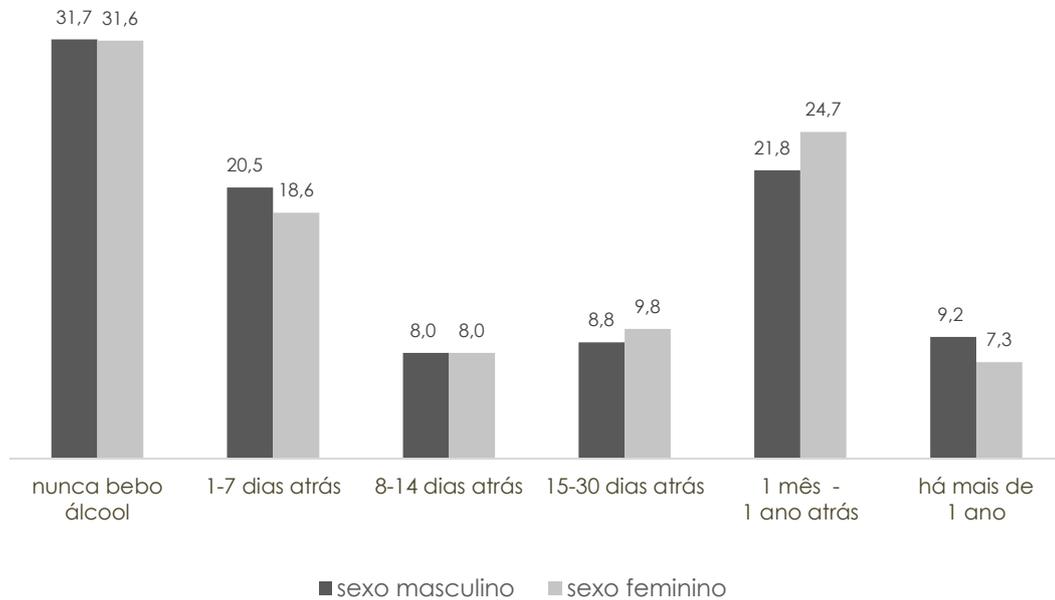
Fonte: ECATD-CAD/2019 - SICAD/DMI/DEI

A data da última ocasião de consumo varia em função do sexo, ainda que as diferenças não sejam muito acentuadas. Tanto entre os inquiridos como entre consumidores ao longo da vida, verifica-se que a percentagem que ingeriu bebidas alcoólicas na semana anterior à inquirição é ligeiramente mais elevada entre os rapazes, tal como a percentagem que fez pela última vez há mais de um ano. Por sua vez, as raparigas destacam-se por uma maior percentagem que teve a última ocasião de consumo no período que vai de mais de um mês e menos de um ano antes da inquirição (Figuras 11 e 12).

34

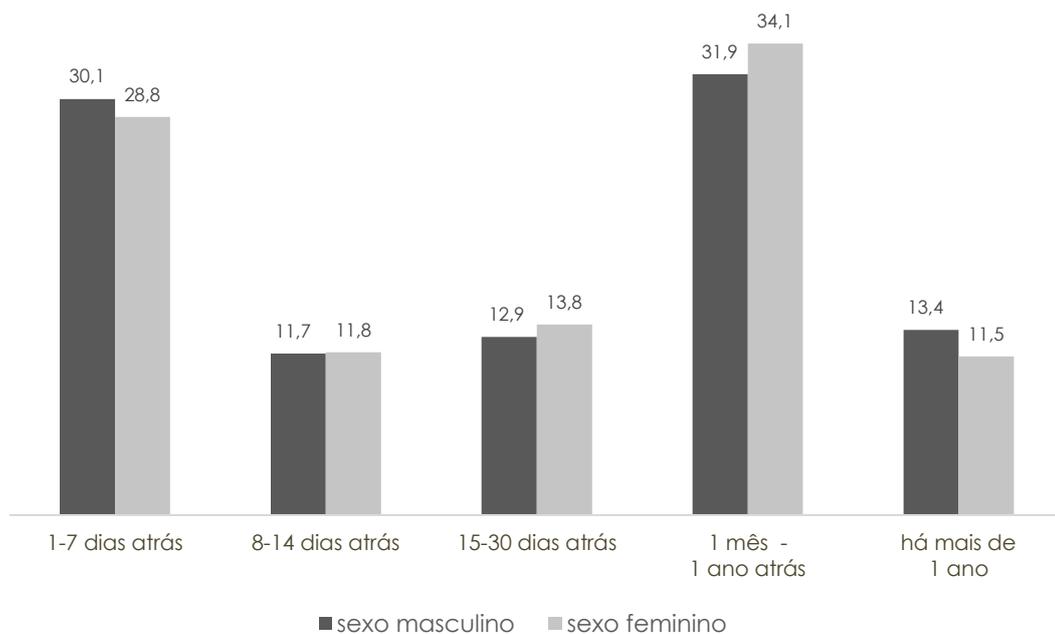
A percentagem que nunca bebeu álcool ou então que fez há mais um ano em relação à data de inquirição é ligeiramente mais elevada entre os inquiridos do sexo masculino (41%) do que entre as do sexo feminino (39%).

Figura 11 – Última ocasião de consumo de álcool, por data e sexo, entre total de inquiridos (%).
Portugal 2019



Fonte: ECATD-CAD/2019 - SICAD/DMI/DEI

Figura 12 – Última ocasião de consumo de álcool, por data e sexo, entre consumidores ao longo da vida (%). Portugal 2019



Fonte: ECATD-CAD/2019 - SICAD/DMI/DEI

Na última ocasião de consumo, as destiladas foram o tipo de bebida alcoólica mais ingerido, seguindo-se, num segundo plano, a cerveja e os *alcopops* e, de forma ainda menos prevalente, as misturas caseiras e o vinho. Constata-se, assim, que, entre os alunos que alguma vez tomaram bebidas alcoólicas ao longo da vida, um em cada dois ingeriu bebidas destiladas na última vez que consumiu álcool. Mesmo o vinho – que, como se viu atrás, é o tipo de bebida alcoólica menos consumido pelos alunos – tem, entre os consumidores atuais, uma prevalência de consumo na última ocasião com alguma expressão (26%) (Figura 13).

O tipo de bebida alcoólica ingerida na última ocasião de consumo varia consideravelmente em função do sexo, no sentido em que a ingestão de cerveja parece ser uma prática predominantemente masculina. Em sentido contrário, ainda que de forma menos acentuada, a preferência por bebidas destiladas, *alcopops* e misturas caseiras na última ocasião de consumo foi maior entre as consumidoras do sexo feminino (Figura 14).

Figura 13 – Tipo de bebida alcoólica ingerida na última ocasião de consumo de álcool, entre consumidores ao longo da vida (%). Portugal 2019

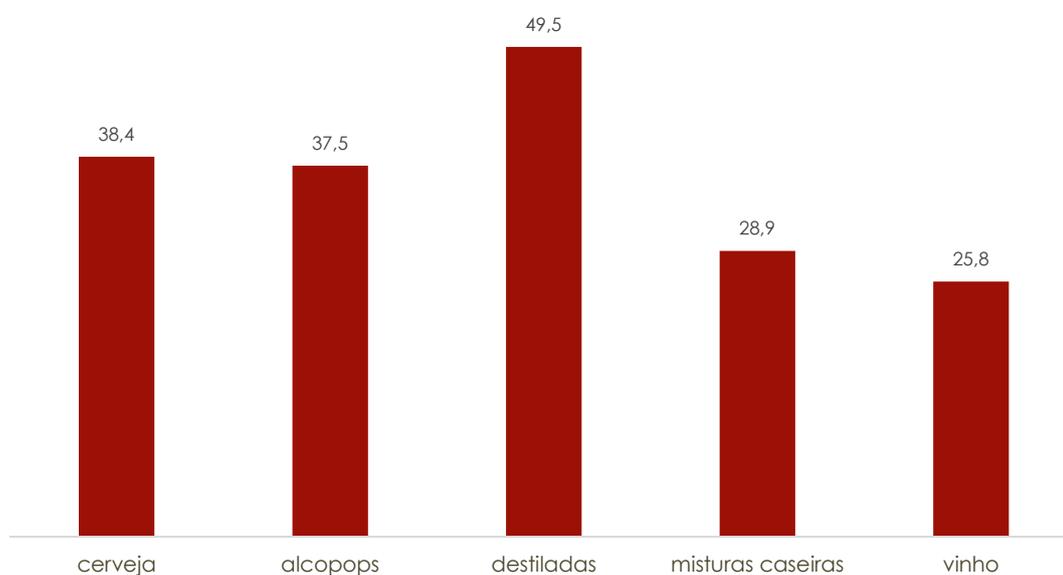
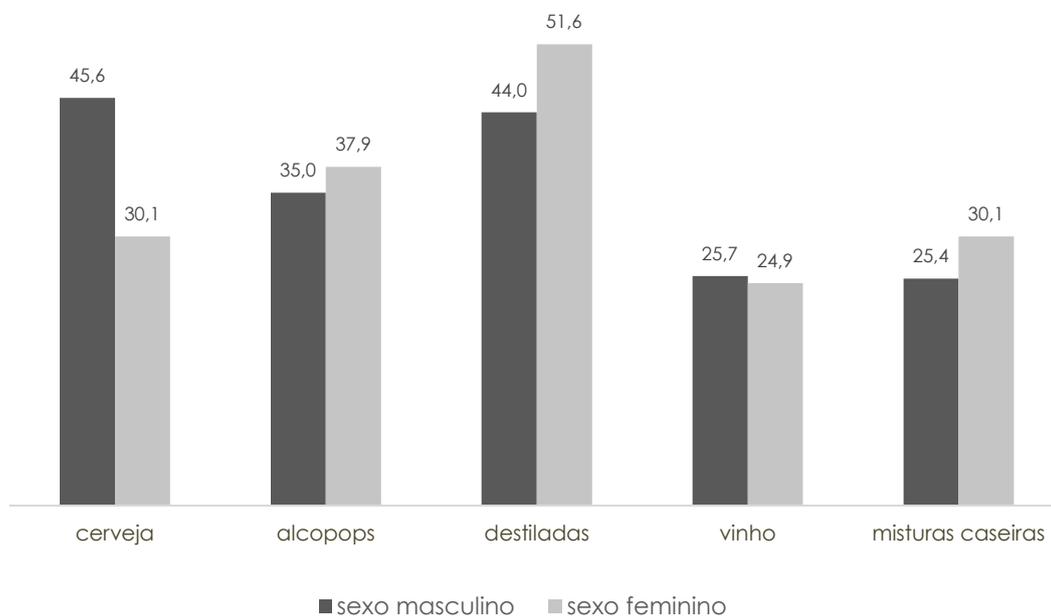


Figura 14 – Tipo de bebida alcoólica ingerida na última ocasião de consumo de álcool, por sexo, entre consumidores ao longo da vida (%). Portugal 2019



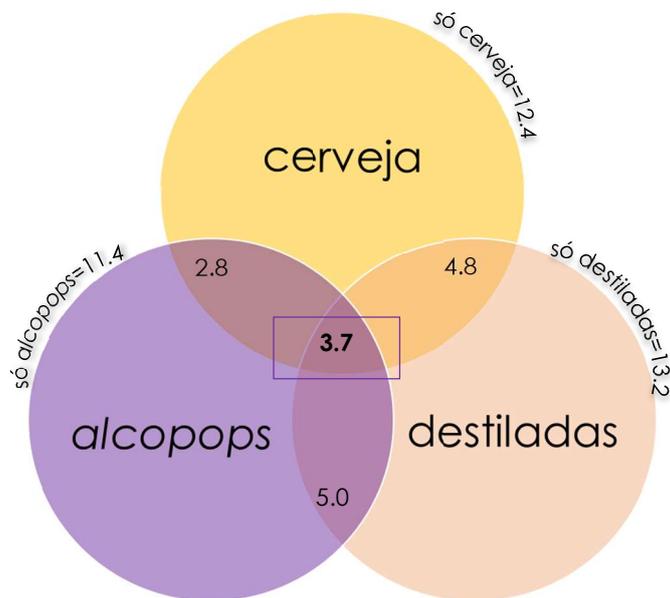
Os consumidores ao longo da vida dividem-se a meio entre aqueles que, no último dia em que consumiram álcool, beberam um único tipo de bebida alcoólica e aqueles que ingeriram mais do que um tipo de bebida alcoólica.

As bebidas destiladas (13%), a cerveja (12%) e os *alcopops* (11%) foram as bebidas alcoólicas que mais consumidores ingeriram em exclusividade na última ocasião de consumo, ainda que a prevalência do vinho (9%) se aproxime. Neste caso, são as misturas caseiras que registam a menor prevalência (4%).

Em relação à associação de bebidas alcoólicas no último dia de consumo, o destaque vai para destiladas + *alcopops* e para destiladas + cerveja (ambas as combinações com 5%), e também para destiladas + cerveja + *alcopops* (4%). É de referir que o vinho tende a ser menos consumido em associação com outras bebidas alcoólicas do que as misturas caseiras, que são, elas próprias, já um produto de uma combinação. Nesse último dia, uma percentagem residual (2%) consumiu os cinco tipos de bebidas alcoólicas consideradas.

Em suma, mais uma vez, parece prevalecer entre os alunos uma multiplicidade de padrões de consumo, no que diz respeito às bebidas alcoólicas ingeridas (Figura 15).

Figura 15 – Associações **mais comuns** de bebidas alcoólicas ingeridas na última ocasião de consumo (%). Portugal 2019



TODAS* = 1.7

* TODAS= cerveja + destiladas + alcopops + vinho + misturas caseiras

Fonte: ECATD-CAD/2019 - SICAD/DMI/DEI

Entre os alunos que beberam alguma vez as diferentes bebidas alcoólicas – isto é, os consumidores ao longo da vida das respetivas bebidas –, com exceção das destiladas, no último dia de consumo de álcool, a grande maioria ou não bebeu essa bebida ou então bebeu a quantidade/dose considerada mais reduzida: 86% (*alcopops*¹⁰), 84% (misturas caseiras¹¹), 81% (cerveja¹²) e 79% (vinho¹³) (Figuras 16, 17, 18 e 19).

10 A dose mínima considerada de *alcopops* é menos do que 2 garrafas / latas de 33 cl.

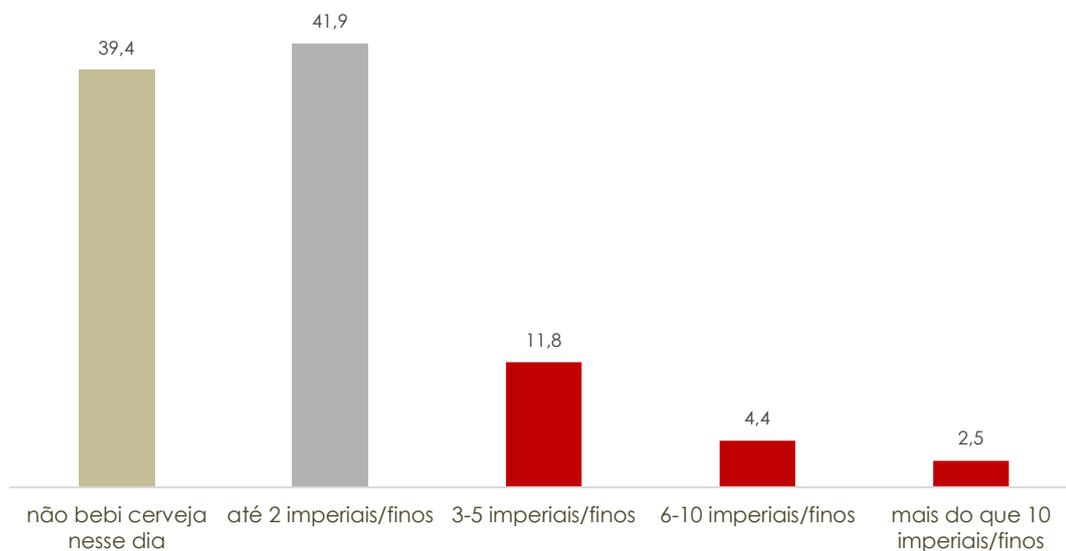
11 A dose mínima considerada de misturas caseiras é 2 copos / menos do meio litro.

12 A dose mínima considerada de cerveja é até duas «imperiais» / «finos».

13 A dose mínima considerada de vinho é menos do que 1 copo.

O caso das bebidas destiladas é consideravelmente diferente, na medida em que apenas 43% dos consumidores ao longo da vida desse tipo de bebidas não as beberam no último dia em que consumiram álcool ou então ingeriram a quantidade considerada mais reduzida¹⁴. Ou seja, tomando como exemplo o último dia de consumo, verifica-se que, no que respeito a doses, as bebidas destiladas são o tipo de bebida alcoólica que é ingerido em maior quantidade. De facto, 40% dos consumidores ao longo da vida de bebidas destiladas ingeriram dois *shots* ou mais na última ocasião de consumo (Figura 20).

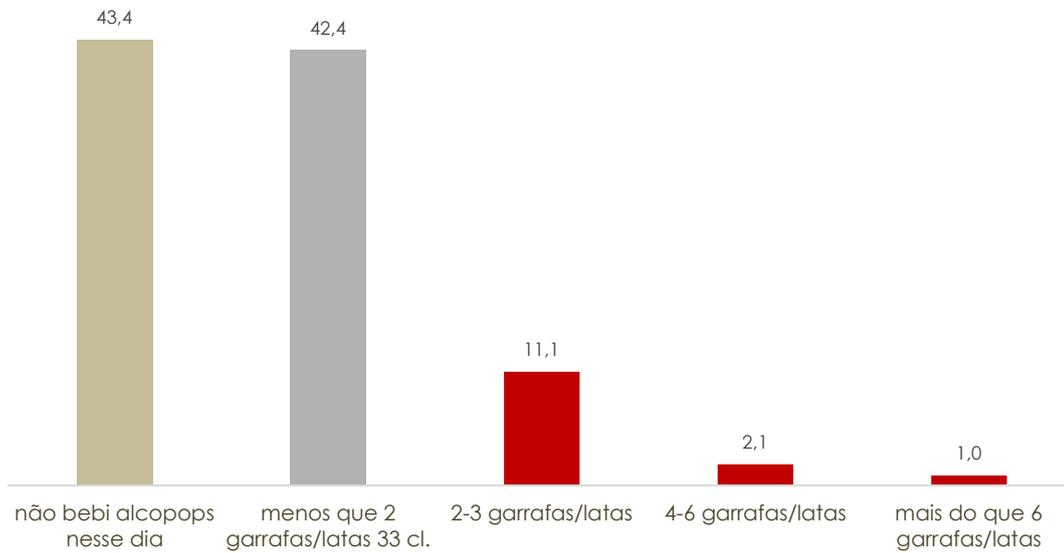
Figura 16 – Quantidade de cerveja ingerida no último dia de ocasião de consumo, entre consumidores de cerveja ao longo da vida (%). Portugal 2019



Fonte: ECATD-CAD/2019 - SICAD/DMI/DEI

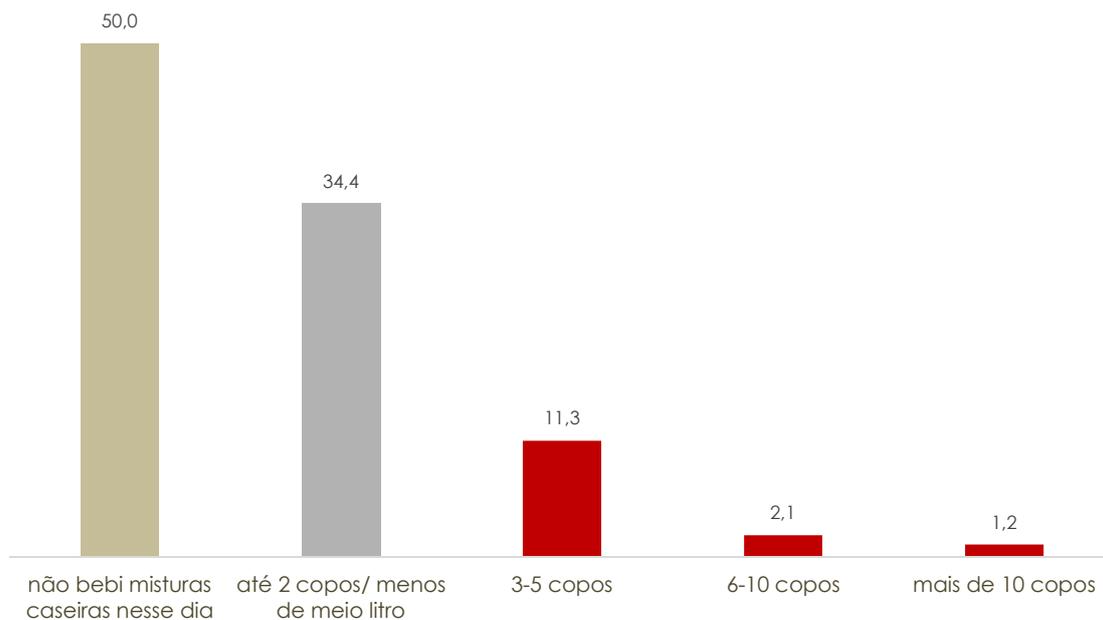
¹⁴ A dose mínima considerada de bebidas destiladas é menos do que 1 copo.

Figura 17 – Quantidade de *alcopops* ingerida no último dia de ocasião de consumo, entre consumidores de *alcopops* ao longo da vida (%). Portugal 2019



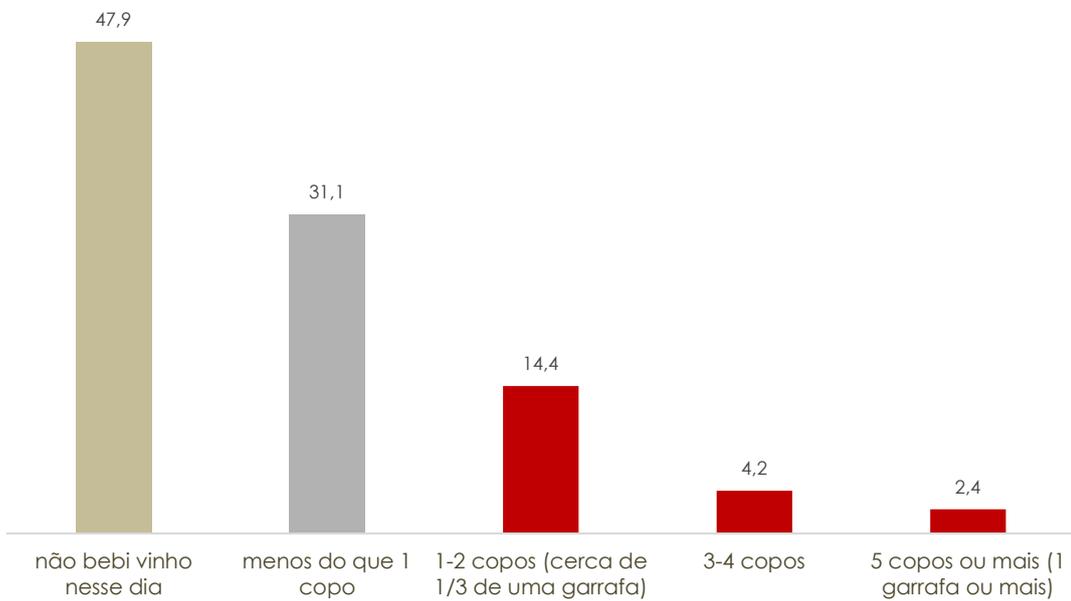
Fonte: ECATD-CAD/2019 - SICAD/DMI/DEI

Figura 18 – Quantidade de misturas caseiras ingerida no último dia de ocasião de consumo, entre consumidores de misturas caseiras ao longo da vida (%). Portugal 2019



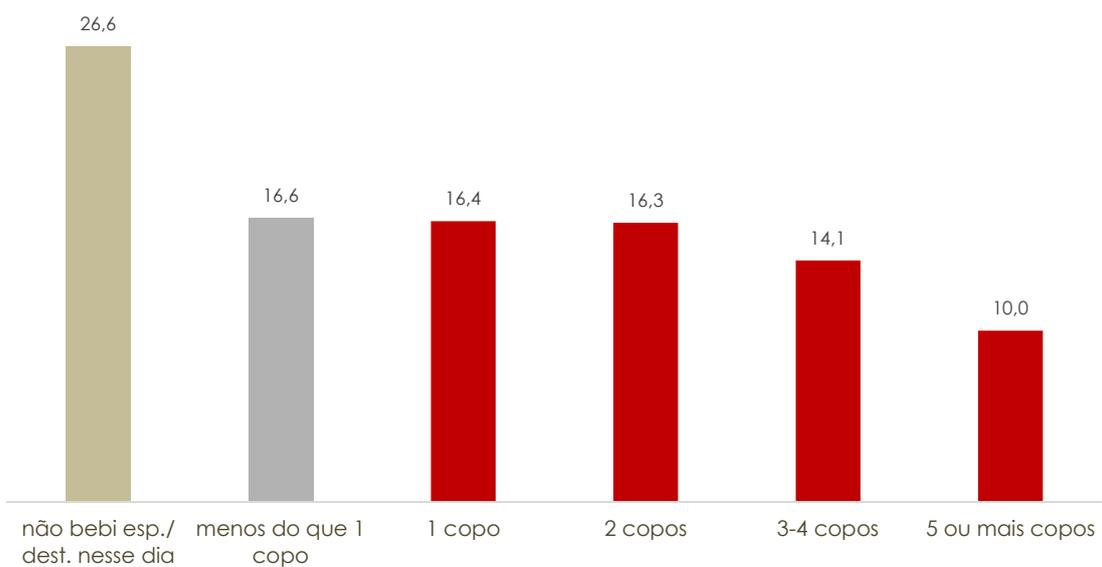
Fonte: ECATD-CAD/2019 - SICAD/DMI/DEI

Figura 19 – Quantidade de vinho ingerida no último dia de ocasião de consumo, entre consumidores de vinho ao longo da vida (%). Portugal 2019



Fonte: ECATD-CAD/2019 - SICAD/DMI/DEI

Figura 20 – Quantidade de destiladas ingerida no último dia de ocasião de consumo, entre consumidores de destiladas ao longo da vida (%). Portugal 2019



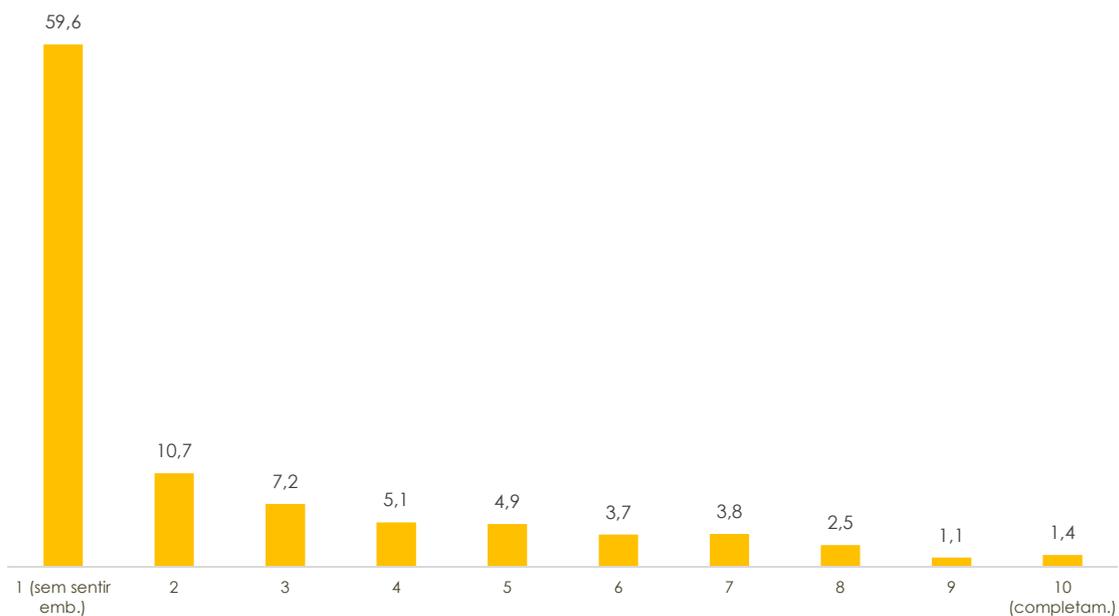
Fonte: ECATD-CAD/2019 - SICAD/DMI/DEI

A quantidade de bebidas ingeridas na última ocasião de consumo pouco varia em função do sexo no que diz respeito a vinho, misturas caseiras e bebidas destiladas. No entanto, os consumidores do sexo masculino destacam-se por uma maior ingestão (em doses) de *alcopops* e, sobretudo, de cerveja.

Relativamente à embriaguez, a maioria dos consumidores ao longo da vida (60%) declarou não ter sentido qualquer efeito de embriaguez no último dia de consumo de álcool. Ainda assim, 12% dos consumidores declararam ter ficado bastante ou muito embriagados¹⁵ nessa última ocasião (Figura 21).

Estes resultados estão em linha com a quantidade de álcool ingerida no último dia de consumo, embora seja menos fácil ler estes números tendo em consideração a prevalência de consumo *binge*.

Figura 21 – Percepção de embriaguez* no último dia de consumo de álcool, entre consumidores ao longo da vida (%). Portugal 2019



*Escala de 1 a 10. Em que 1 significa "não senti qualquer efeito de embriaguez" até 10 que significa "completamente embriagado ao ponto de não se lembrar do que aconteceu"

Fonte: ECATD-CAD/2019 - SICAD/DMI/DEI

¹⁵ Numa escala de 1 a 10, em que 1 é nada embriagado e 10 é totalmente embriagado, considera-se "bastante ou muito embriagado" quem assinalou a segunda metade da escala, isto é, 6 a 10.

A perceção do estado de embriaguez no último dia de consumo é ligeiramente mais acentuada entre os rapazes do que entre as raparigas. De facto, 14% dos consumidores de álcool do sexo masculino afirmaram que na última vez que ingeriram bebidas alcoólicas, se sentiram *bastante a muito embriagados*, enquanto 11% das consumidoras declararam o mesmo.

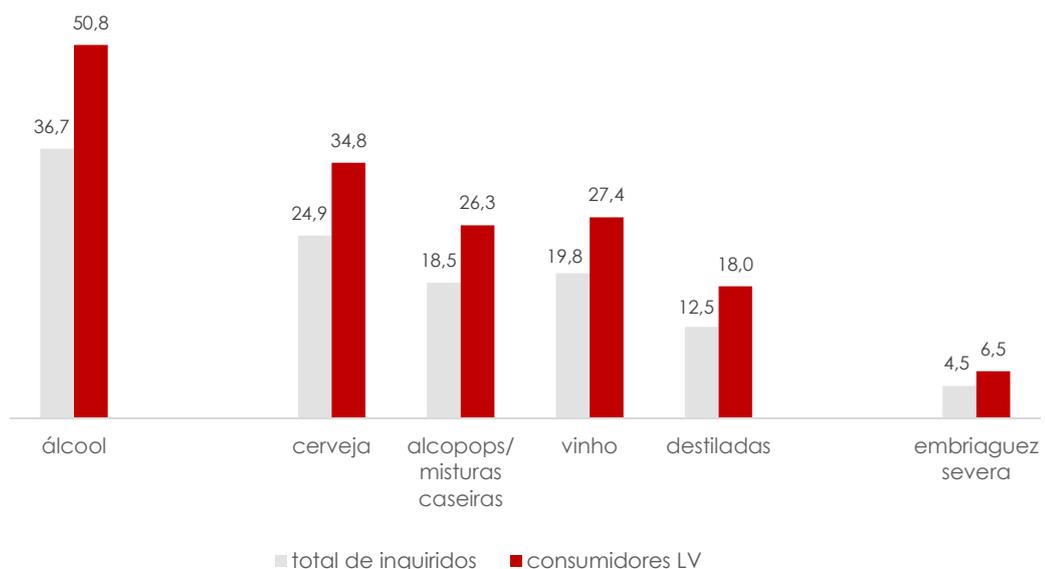
Início precoce

Entre os alunos, o consumo de bebidas alcoólicas tende a iniciar-se muito cedo. De facto, 37% dos inquiridos ingeriram álcool com 13 anos ou menos. Deixando de fora da análise os alunos que nunca beberam álcool na vida, verifica-se que cerca de metade (51%) dos que já consumiram pelo menos uma bebida alcoólica fê-lo nestas idades.

Os alunos que iniciaram o consumo de álcool mais cedo tendem a registar maiores prevalências de embriaguez, seja ligeira ou severa, e de consumo *binge*, embora as diferenças não sejam particularmente acentuadas.

A análise por tipo de bebida alcoólica permite constatar que a cerveja é aquela cujo consumo se inicia mais cedo e o consumo de bebidas destiladas o que tem início com menor precocidade. A embriaguez severa tende a ocorrer pouco nas idades em causa, ainda que não se possa falar de prática residual, pois 7% dos consumidores de álcool ao longo da vida já se embriagaram com 13 anos ou menos (Figura 22).

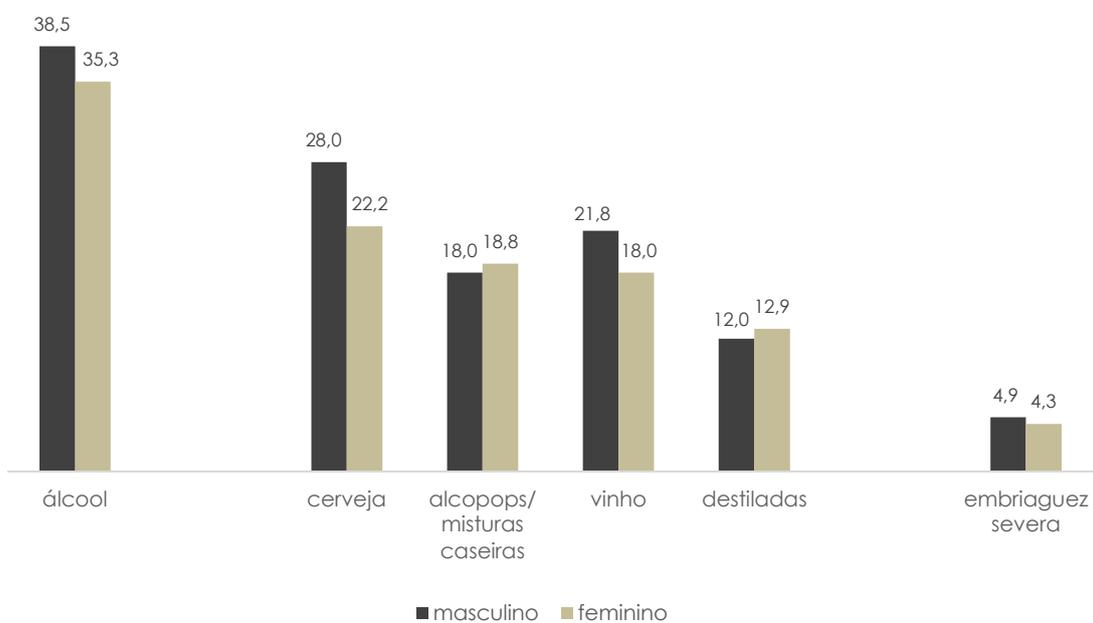
Figura 22 – Idades de início: 13 anos ou menos, entre total de inquiridos e consumidores ao longo da vida (%). Portugal 2019



A percentagem de alunos do sexo masculino que iniciaram o consumo de bebidas alcoólicas com 13 anos ou menos (39%) é superior à percentagem de alunos do sexo feminino que fizeram o mesmo (35%).

O vinho e, sobretudo, a cerveja são as bebidas cujo consumo precoce é uma prática mais masculina do que feminina, enquanto a percentagem de alunos que iniciou o consumo de *alcopops*/misturas caseiras e bebidas destiladas com 13 anos ou menos é ligeiramente mais elevada (+1 ponto percentual) entre as raparigas. Relativamente à embriaguez severa em idades tão precoces, os valores registados entre os dois sexos são muito aproximados (Figura 23).

Figura 23 – Idades de início: 13 anos ou menos, entre total de inquiridos, por sexo (%).
Portugal 2019



Fonte: ECATD-CAD/2019 - SICAD/DMI/DEI

Motivações

As motivações de consumo são um indicador crucial para contextualizar a ingestão de bebidas alcoólicas e, nesse sentido, o questionário incluía uma questão de resposta múltipla sobre os motivos apontados para o consumo de álcool, procurando perceber com que frequência, nos doze meses anteriores à inquirição, os alunos ingeriram bebidas alcoólicas em função de um conjunto de razões.

Tal como se concluiu num relatório anterior¹⁶, os motivos ligados ao prazer, à diversão e à sociabilidade são os que os alunos que, no último ano, beberam álcool mais frequentemente apontam como explicação para a sua ingestão de bebidas alcoólicas. Em sentido inverso, os motivos ligados à pressão de grupo e à integração social são os menos declarados. Num plano intermédio, encontram-se os motivos relacionados com os estados emocionais e a função ansiolítica que alguns atribuem ao álcool.

Apesar da dispersão de respostas, «gostar da sensação» (16%), «ajudar à diversão» (15%), «tornar o convívio social mais divertido» (14%), «porque é divertido» (13%) e «tornar melhor as festas» (13%) são os motivos mais apontados como razões que se aplicam frequentemente ou sempre ao consumo de bebidas alcoólicas (Figura 24).

Em contrapartida, 92% dos consumidores recentes declaram que nunca bebem álcool «para que gostem de si», enquanto 88% e 80% afirmam o mesmo relativamente a consumir bebidas alcoólicas «para não ficarem excluídos» ou «para se sentirem integrados», respetivamente. Isto é, são poucos os adolescentes cujo consumo de álcool parece estar relacionado com a pressão de grupo e a necessidade de integração social.

¹⁶ Calado & Lavado, 2021.

Figura 24 – Motivações de consumo nos últimos 12 meses (sempre ou frequentemente), entre consumidores recentes de álcool (resposta múltipla) (%). Portugal 2019



Fonte: ECATD-CAD/2019 - SICAD/DMI/DEI

Analisando as motivações para beber álcool em função do sexo, verifica-se que a única dimensão que tem maior expressão entre as raparigas do que entre os rapazes é aquela que está relacionada com questões emocionais, ainda que a diferença seja pouco relevante. De facto, 8% das consumidoras recentes declararam que, no último ano, beberam frequentemente ou sempre para esquecer problemas, enquanto 5% fez o mesmo como forma de atenuar a depressão/ansiedade e para se animar quando está com «neura». Entre os consumidores recentes do sexo masculino, as prevalências para estas motivações foram inferiores em 1 ponto percentual face às registadas entre as raparigas consumidoras.

Os consumidores recentes do sexo masculino declaram ter ingerido bebidas alcoólicas mais frequentemente em função das restantes motivações, sendo «beber porque ajuda a diversão numa festa» e «tornar o convívio mais divertido» aquelas onde se regista uma diferença maior (+4 pontos percentuais).

Perceções

Risco

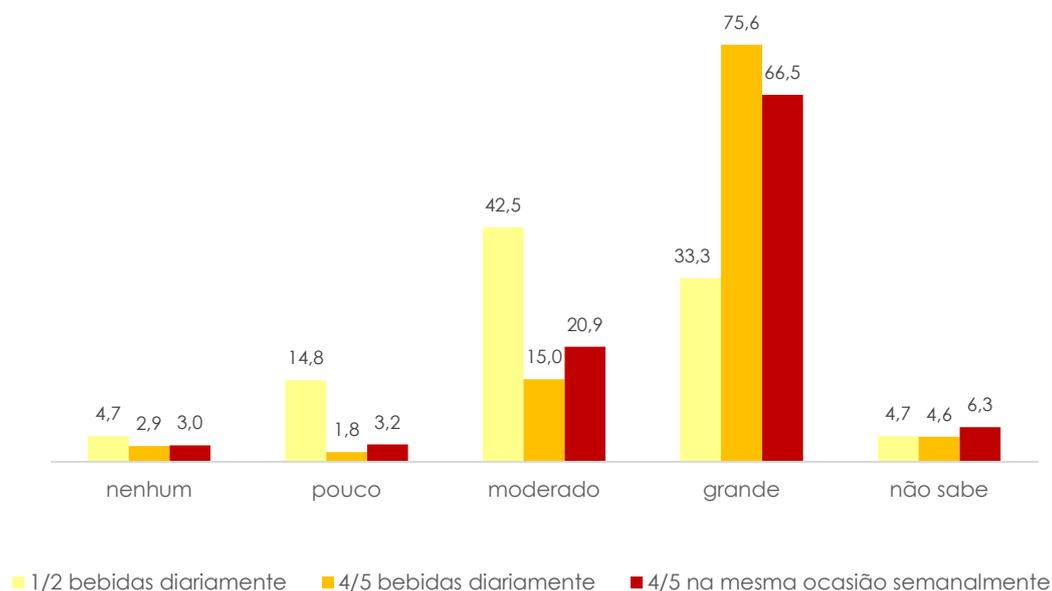
As perceções de risco fornecem igualmente informação importante, pois ajudam a contextualizar o consumo, nomeadamente os comportamentos potencialmente mais nocivos. Neste caso, o que se verifica é que os alunos consideram que o consumo de bebidas alcoólicas numa base diária e o consumo *binge* numa base semanal são práticas que tendencialmente acarretam um risco grande ou moderado.

Das três práticas consideradas, tomar uma ou duas bebidas alcoólicas diariamente ou quase diariamente é aquela a que os alunos atribuem menor risco, seguindo-se tomar 5 ou mais bebidas alcoólicas numa mesma ocasião numa base semanal. Tomar 4 ou 5 bebidas alcoólicas diariamente ou quase diariamente destaca-se como a prática que os alunos percecionam como de maior risco, na medida em que apenas uma pequena minoria vê nisso algo de baixo (2%) ou nenhum risco (3%) (Figura 25).

Face ao total de inquiridos, os alunos que ingeriram bebidas alcoólicas no último mês tendem a atribuir um risco ligeiramente menor aos três comportamentos. À parte disso, verificam-se as mesmas tendências (Figura 26).

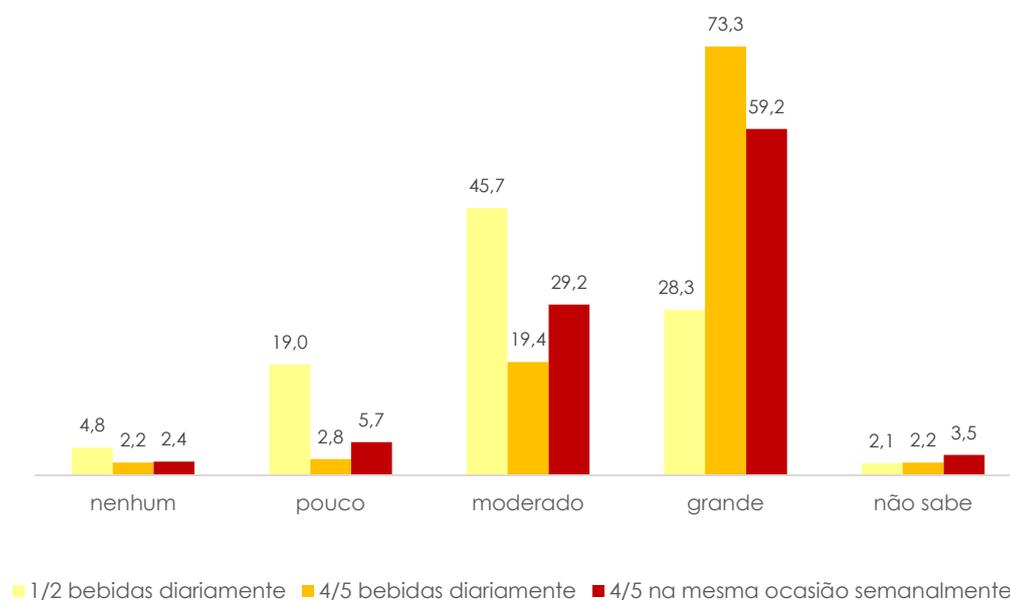
Tanto entre o total de inquiridos como entre os consumidores atuais apenas, as raparigas tem uma maior perceção do risco inerente ao consumo diário (1 ou 2 bebidas alcoólicas) do que os rapazes, sendo que também declaram menos não saber responder (Figuras 27 e 28). Nos restantes indicadores verifica-se a mesma tendência.

Figura 25 – Perceções de risco, entre inquiridos (%). Portugal 2019



Fonte: ECATD-CAD/2019 - SICAD/DMI/DEI

Figura 26 – Perceções de risco, entre consumidores atuais (%). Portugal 2019



Fonte: ECATD-CAD/2019 - SICAD/DMI/DEI

Figura 27 – Perceções de risco (1/2 bebidas alcoólicas diariamente), entre inquiridos, por sexo (%). Portugal 2019

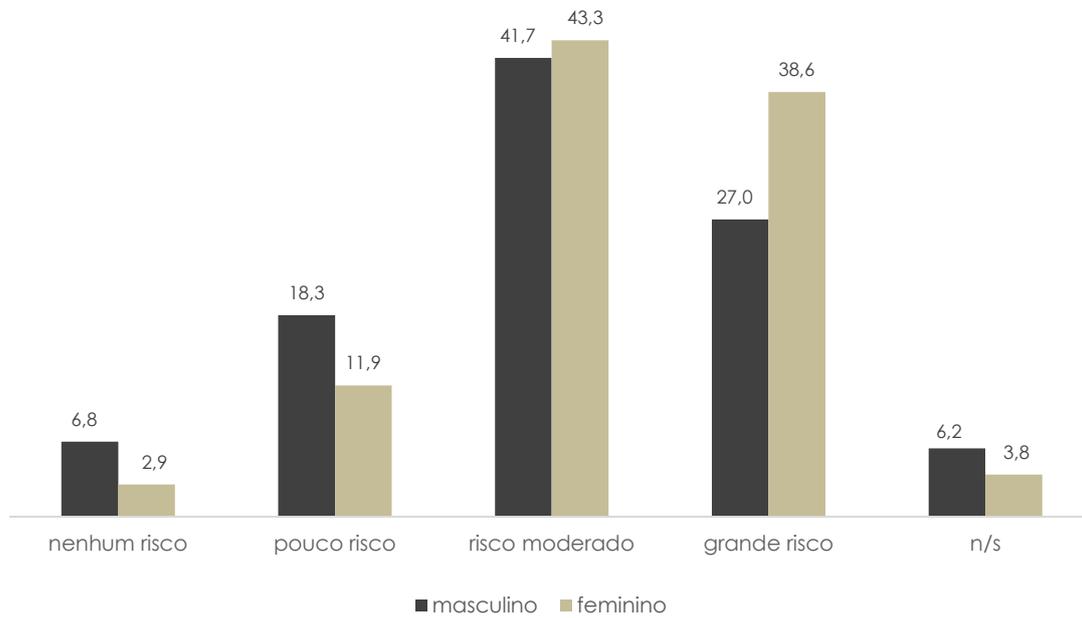
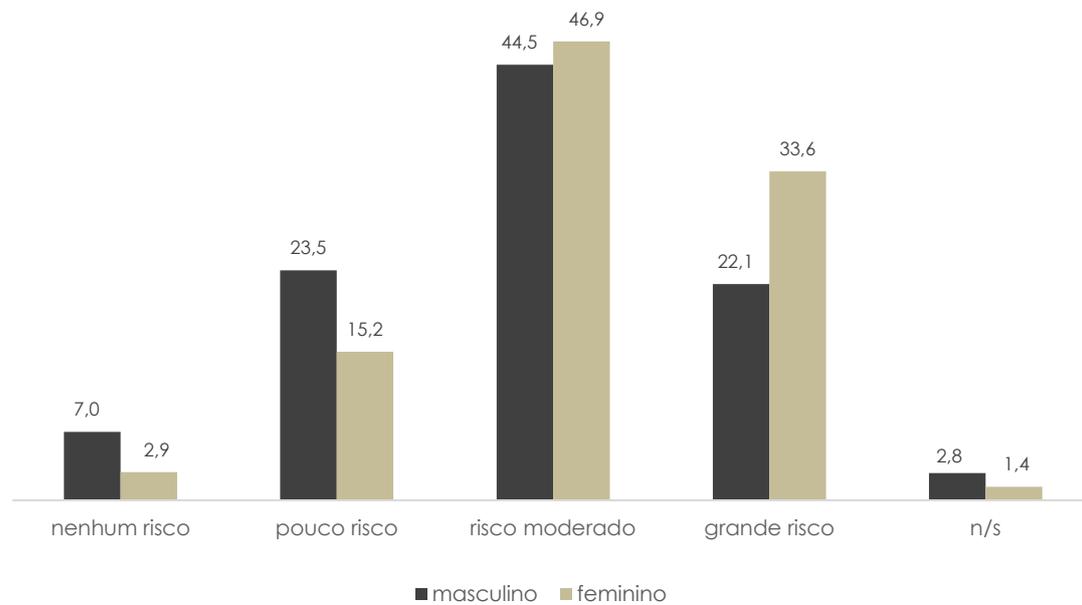


Figura 28 – Perceções de risco (1/2 bebidas alcoólicas diariamente), entre consumidores atuais, por sexo (%). Portugal 2019



Atitudes parentais

Aos alunos era também perguntado qual seria, na sua opinião, a reação do pai e da mãe perante a embriaguez do/a filho/a.

Verifica-se que, na opinião dos alunos, a maioria dos pais e das mães não permitiria a embriaguez, sendo minoritários aqueles que não se importariam ou que aprovariam (neste último caso, uma percentagem residual) se tal acontecesse. É possível constatar que tendencialmente a reação da mãe é percecionada como de maior condenação do que a do pai (Figura 29).

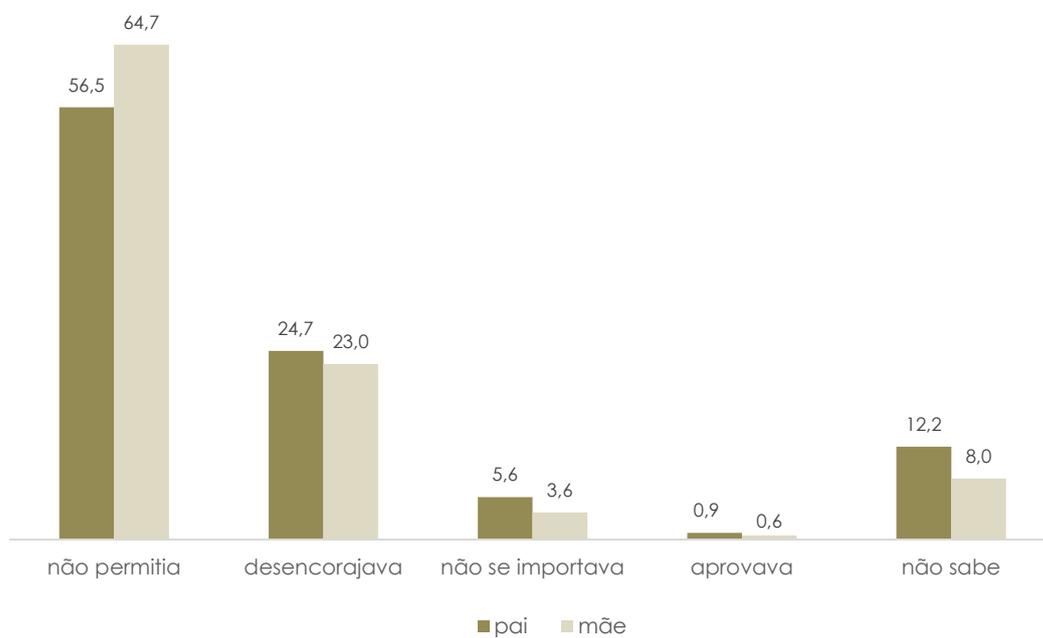
Quando a análise se restringe aos consumidores atuais, a perceção da reação dos pais e das mães é diferente, baixando consideravelmente a percentagem de alunos que perceciona uma atitude de condenação parental, ainda que se mantenha como a reação mais prevalente. Na opinião dos consumidores, 10% dos pais e 7% das mães não se importariam perante a embriaguez do/a filho/a (Figura 30).

Face aos alunos que nunca beberam álcool, os consumidores atuais de bebidas alcoólicas percecionam que a atitude tanto dos pais como das mães face à embriaguez é de menor condenação/intolerância, sendo que a diferença é particularmente acentuada. Face aos 12% de consumidores atuais que consideram que o pai não se importaria ou até aprovaria a embriaguez do filho/a, entre os alunos que nunca ingeriram bebidas alcoólicas na vida o valor registado é de 2%. No caso da perceção da atitude das mães, a diferença é também proporcionalmente muito relevante: 8%, entre consumidores atuais, e 1%, entre não consumidores ao longo da vida (Figuras 31 e 32).

Existe uma relação entre a atitude parental percecionada e a prática da embriaguez. Os alunos que declaram que os pais e as mães não se importariam ou, até, aprovariam se isso acontecesse registam uma maior prevalência de embriaguez nos últimos 30 dias do que aqueles cujos pais e mães não permitiriam a embriaguez.

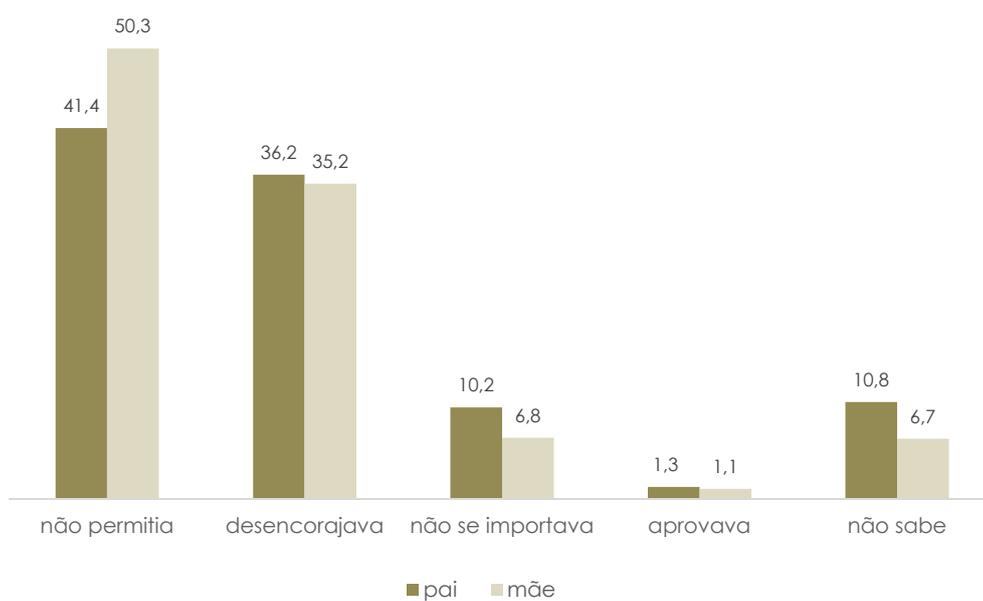
Quanto às diferenças entre sexo, verifica-se que é sobretudo a perceção da reação do pai que varia em função do sexo do aluno, sendo que a atitude da mãe é percecionada de forma semelhante entre rapazes e raparigas. Uma atitude mais permissiva por parte do pai perante a embriaguez é percecionada de forma mais expressiva entre os alunos do sexo masculino, ainda que a diferença não seja particularmente acentuada. Tal é válido quando a análise se centra na totalidade dos inquiridos ou quando a análise se centra apenas no grupo que ingeriu bebidas alcoólicas no mês anterior à aplicação do inquérito.

Figura 29 – Perceções da atitude do pai e da mãe, perante a embriaguez do filho, entre inquiridos (%). Portugal 2019



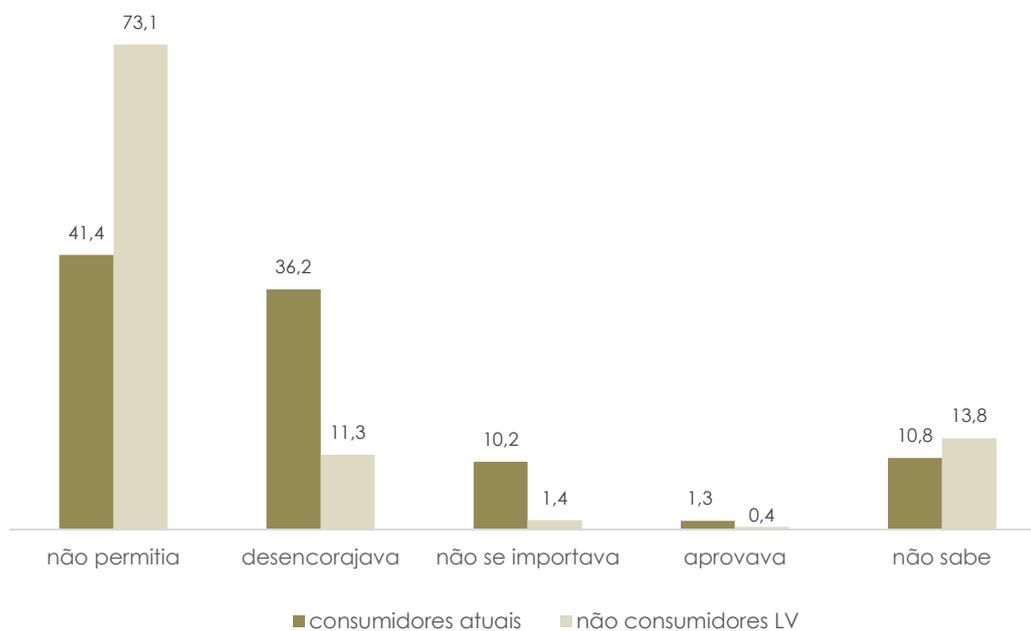
Fonte: ECATD-CAD/2019 - SICAD/DMI/DEI

Figura 30 – Perceções da atitude do pai e da mãe, perante a embriaguez do filho, entre consumidores atuais (%). Portugal 2019



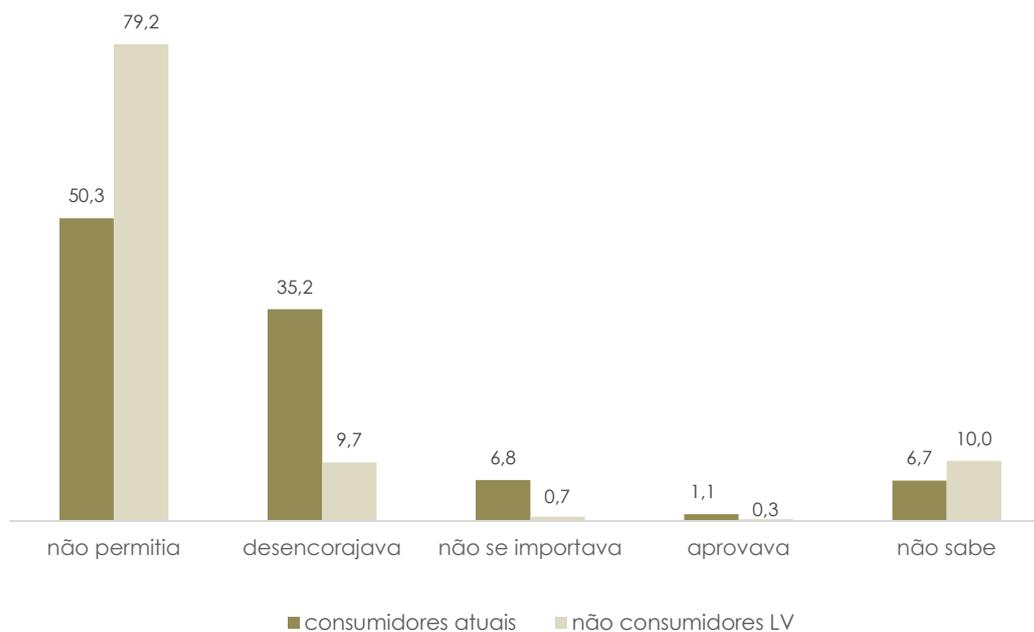
Fonte: ECATD-CAD/2019 - SICAD/DMI/DEI

Figura 31 – Perceções da atitude do pai, perante a embriaguez do/a filho/a, entre consumidores atuais e inquiridos que nunca ingeriram bebidas alcoólicas (%). Portugal 2019



Fonte: ECATD-CAD/2019 - SICAD/DMI/DEI

Figura 32 – Perceções da atitude do mãe, perante a embriaguez do/a filho/a, entre consumidores atuais e inquiridos que nunca ingeriram bebidas alcoólicas (%). Portugal 2019



Fonte: ECATD-CAD/2019 - SICAD/DMI/DEI

Acessibilidade (13-17 anos)

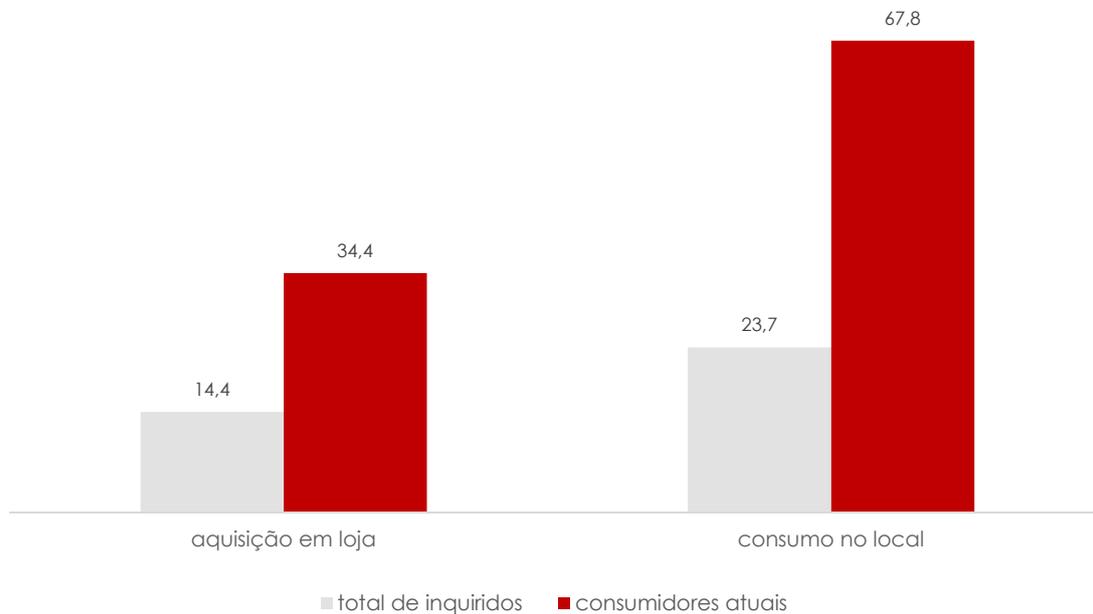
Aquisição e consumo

Por fim, o questionário incluía duas questões relativas a práticas consideradas de preocupação no que concerne à relação entre os jovens e o álcool, nomeadamente no domínio da oferta. De facto, a informação relativa à aquisição de álcool em loja e ao consumo de bebidas alcoólicas em locais de restauração e de diversão noturna por parte dos alunos é de grande importância, na medida em que permite contextualizar não só o consumo dos jovens, mas também a forma como a sociedade como um todo lida efetivamente com o consumo de álcool por parte dos menores de idade.

Porque interessa, sobretudo, analisar estas práticas por parte dos menores de idade, da presente análise são excluídos os alunos que, no ano de inquirição, completavam 18 anos. Ou seja, a análise considera apenas os alunos que comprovadamente estão abaixo da idade mínima legal para adquirir e consumir bebidas alcoólicas.

Uma pequena minoria de alunos (14%) declarou ter adquirido bebidas alcoólicas em loja para consumo próprio nos últimos 30 dias, enquanto, durante o mesmo período, uma percentagem mais expressiva, mas ainda assim minoritária (24%), ingeriu álcool em locais como cafés, bares, *pubs*, discotecas, etc. No entanto, quando a análise se restringe aos consumidores atuais, o cenário altera-se de forma significativa. Neste caso, a percentagem que adquiriu bebidas alcoólicas para consumo próprio sobe para 34%, enquanto aqueles que consumiram nos referidos locais constituem 68%, o que quer dizer que cerca de 2/3 dos consumidores atuais consumiu, no último mês, bebidas alcoólicas em locais de restauração e de diversão noturna, onde por lei o consumo está interdito a menores (Figura 33).

Figura 33 – Prevalências de aquisição em loja para consumo próprio e consumo de álcool no local (café, restaurante, bar, pub, discoteca, etc.) nos últimos 30 dias, entre total de inquiridos e consumidores atuais: 13/17 anos de idade (%). Portugal 2019



Fonte: ECATD-CAD/2019 - SICAD/DMI/DEI

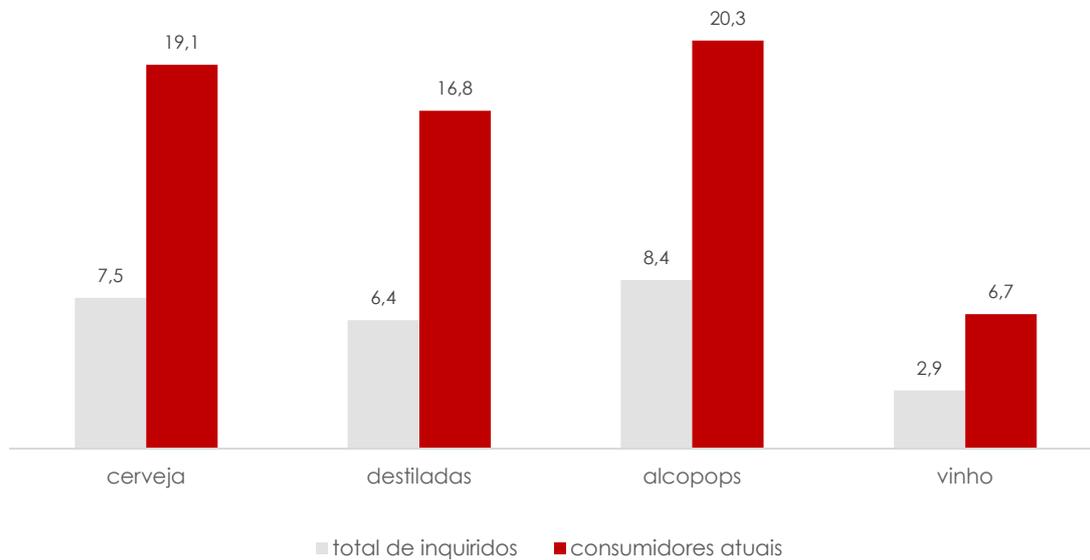
Analisando a aquisição de bebidas alcoólicas em loja para consumo próprio e o consumo em locais como cafés, bares, *pubs*, discotecas, etc. por tipo de bebida, verifica-se que ambas as práticas estão ao mesmo nível no que se refere a cerveja e *alcopops*, sendo que o vinho se destaca por ser o tipo de bebida alcoólica menos adquirido para consumo próprio e menos consumido neste tipo de locais, registando valores bastante inferiores.

56

De facto, um pouco menos de um em cada dez alunos adquiriu cerveja, bebidas destiladas e *alcopops* no mês anterior à inquirição, enquanto a percentagem que declarou ter adquirido vinho é bastante mais reduzida (3%). Entre consumidores atuais, esta prática é mais prevalente: cerca de 20% adquiriram em loja para consumo próprio cerveja e *alcopops*, enquanto a percentagem que fez o mesmo em relação ao vinho foi muito inferior (7%) (Figura 34).

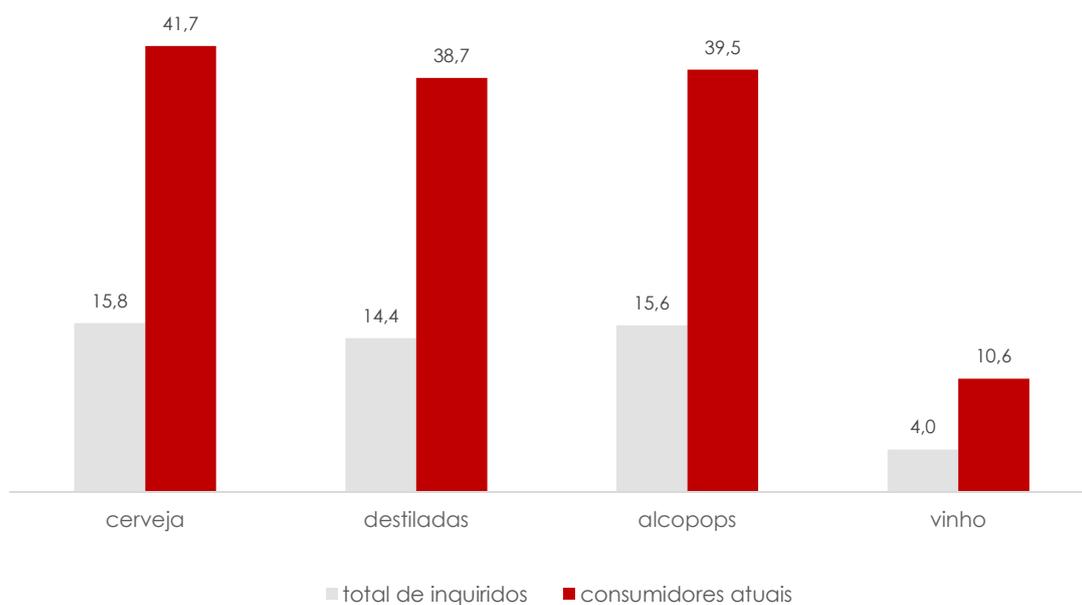
A percentagem de inquiridos que, nos últimos 30 dias, consumiram cerveja e *alcopops* em cafés, bares, *pubs*, discotecas, etc. ronda os 16%, enquanto cerca de dois em cada cinco consumidores atuais declararam ter feito o mesmo. Quanto ao vinho, mais uma vez se destaca como a bebida alcoólica claramente menos consumida no local, tanto entre o total de inquiridos, como entre os consumidores apenas (Figura 35).

Figura 34 – Prevalências de aquisição em loja para consumo próprio nos últimos 30 dias, por tipo de bebida, entre total de inquiridos e consumidores atuais: 13/17 anos de idade (%). Portugal 2019



Fonte: ECATD-CAD/2019 - SICAD/DMI/DEI

Figura 35 – Prevalências de consumo de álcool no local (café, restaurante, bar, pub, discoteca, etc.) nos últimos 30 dias, por tipo de bebida, entre total de inquiridos e consumidores atuais: 13/17 anos de idade (%). Portugal 2019

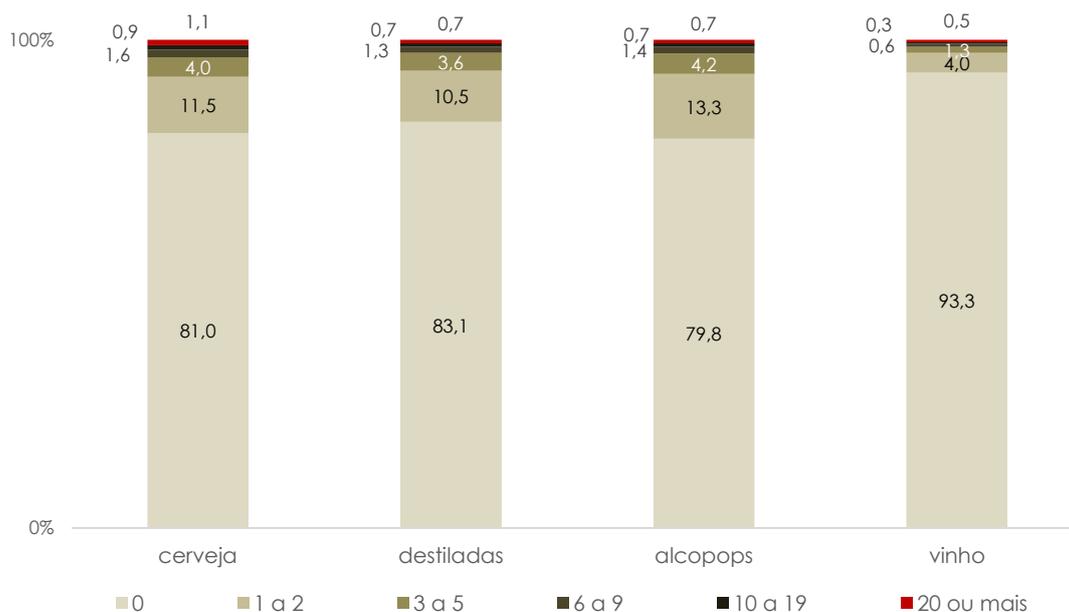


Fonte: ECATD-CAD/2019 - SICAD/DMI/DEI

No que respeita à frequência, tal como se constatou em relação à ingestão de bebidas alcoólicas nos últimos 30 dias, também a aquisição de bebidas alcoólicas em loja para consumo próprio e o consumo de álcool em locais como cafés, bares, *pubs*, discotecas, etc. tendem a ser práticas pouco frequentes.

De facto, no último mês, a grande maioria dos consumidores atuais não adquiriu para consumo próprio nem cerveja, nem bebidas destiladas, nem *alcopops*, sendo que aqueles que o fizeram adquiriram estes tipos de bebidas alcoólicas sobretudo numa ou em duas ocasiões. No caso do vinho, tal é ainda mais evidente: 93% não adquiriram, sendo de 3% a percentagem que adquiriu em loja para consumo próprio em mais do que duas ocasiões nos últimos 30 dias (Figura 36).

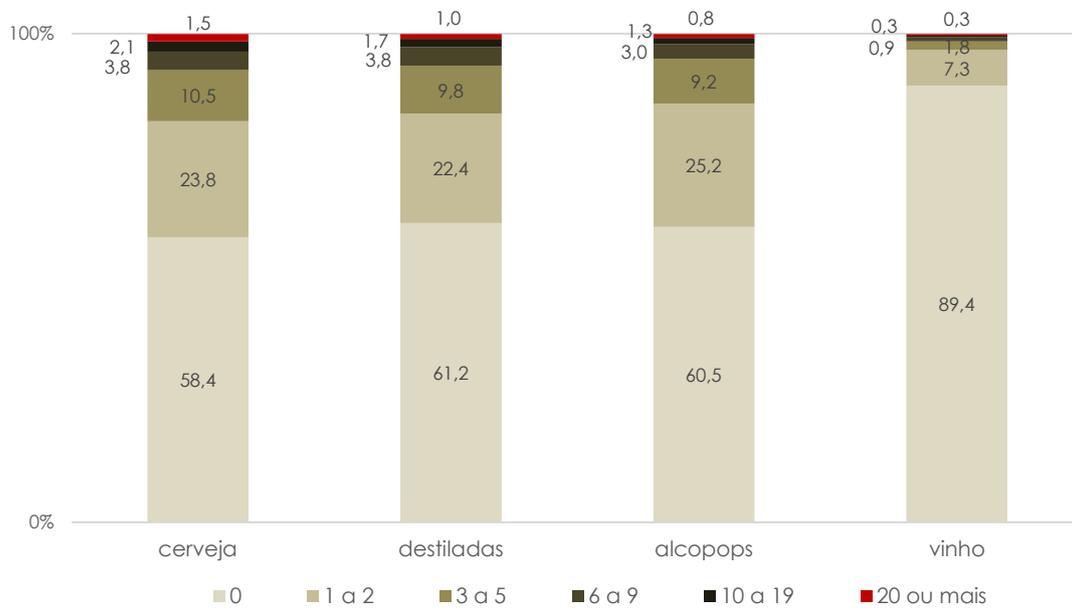
Figura 36 – Número de ocasiões de aquisição em loja para consumo próprio nos últimos 30 dias, entre consumidores atuais, por tipo de bebida alcoólica: 13/17 anos de idade (%). Portugal 2019



Fonte: ECATD-CAD/2019 - SICAD/DMI/DEI

No que respeita ao consumo de álcool nos estabelecimentos em causa, verifica-se a mesma tendência. A percentagem de consumidores atuais, com menos de 18 anos de idade, que, no mês anterior à inquirição, consumiram álcool em locais como cafés, bares, *pubs*, discotecas, etc. em mais de duas ocasiões é de 18% (cerveja), 16% (bebidas destiladas) e 14% (*alcopops*), sendo a percentagem relativa ao vinho proporcionalmente bastante inferior (3%) (Figura 37).

Figura 37 – Número de ocasiões de consumo de álcool no local (café, restaurante, bar, pub, discoteca, etc.) nos últimos 30 dias, entre consumidores atuais, por tipo de bebida alcoólica: 13/17 anos de idade (%). Portugal 2019



Fonte: ECATD-CAD/2019 - SICAD/DMI/DEI

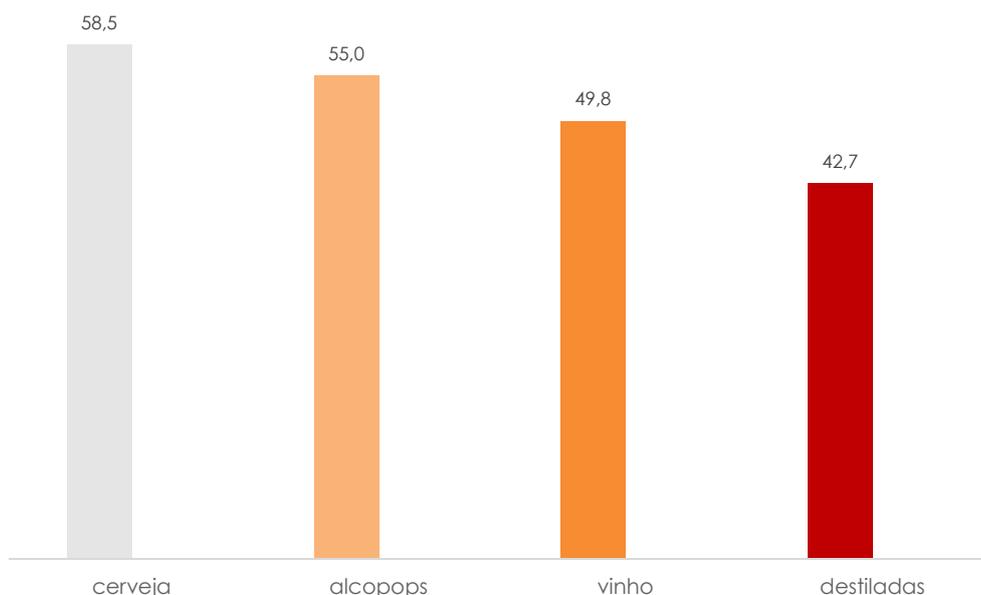
Perceção da facilidade de acesso

A perceção da facilidade de acesso às substâncias é um indicador importante, pois permite complementar a informação relativa à oferta resultante das questões que dizem respeito à aquisição de bebidas alcoólicas em loja para consumo próprio e ao consumo em estabelecimentos de restauração e de diversão noturna.

Neste caso, o que se verifica é que, com exceção das bebidas destiladas, o acesso às bebidas alcoólicas é tendencialmente considerado pelos alunos como algo fácil ou muito fácil. A cerveja destaca-se como a bebida alcoólica cujo acesso é percecionado como mais facilitado, enquanto as bebidas destiladas se destacam em sentido contrário, registando a menor percentagem de alunos (48%) que considera o acesso fácil ou muito fácil (Figura 38).

Assim sendo, entre os alunos, não parece haver uma correspondência entre o consumo e a perceção da facilidade de acesso às bebidas alcoólicas, na medida em que as bebidas destiladas, mesmo sendo claramente aquelas cujo acesso é visto como menos facilitado, registam das prevalências de consumo mais elevadas. Com o vinho passa-se o inverso.

Figura 38 – Acesso fácil / muito fácil, entre inquiridos (%). Portugal 2019



Discussão e Análise

Tal como se verificou nos relatórios ECATD-CAD anteriores, relativamente aos diversos comportamentos aditivos, também no que concerne exclusivamente à ingestão de bebidas alcoólicas por parte dos alunos do ensino público com idades entre os 13 e os 18 anos há informação que necessariamente suscita preocupação e outra que, de alguma forma, a relativiza, servindo de contraponto a uma leitura da realidade com maior ênfase nos sinais de alarme.

Efetivamente, entre os alunos, a prevalência de consumo de álcool não pode deixar de ser considerada elevada, seja em que temporalidade for, sabendo-se que as bebidas alcoólicas estão interditas a menores e que o seu consumo, em alguns casos, está associado a uma dimensão problemática¹⁷.

O facto de quase 40% dos alunos terem ingerido pelo menos uma bebida alcoólica nos 30 dias anteriores à aplicação do inquérito é bem paradigmático. Desta forma, indo ao encontro do que outros estudos têm concluído, o consumo de álcool parece ser uma prática transversal, sendo que, na população em estudo, a ingestão de bebidas alcoólicas se inicia tendencialmente em idades precoces (13 anos ou menos).

No entanto, é também de ter em conta que uma parte considerável dos alunos que declararam ter ingerido pelo menos uma bebida alcoólica ao longo da vida fê-lo há mais de um ano antes da inquirição, o que revela que se está perante adolescentes que não continuaram o consumo.

De facto, o indicador do consumo precoce pode, de certa forma, ser considerado dúbio, dado que muitas vezes o inquirido não reporta o início de um consumo continuado mas antes remete literalmente para uma experimentação, nomeadamente em contexto familiar¹⁸. Ainda assim, não deixa de estar em causa um contacto com o álcool durante a infância ou a pré-adolescência, com tudo o que isso significa. De facto, o certo é que os alunos que declararam ter iniciado o consumo de álcool em idades mais precoces

¹⁷ Calado & Lavado, 2021.

¹⁸ Em festas de aniversário, por exemplo. Ver Carapinha *et al.*, 2015.

registam uma maior prevalência e, sobretudo, frequência de comportamentos de risco acrescido.

De uma forma ou de outra, tal traduz bem a importância sociocultural que determinadas bebidas alcoólicas têm na sociedade portuguesa¹⁹, que se reflete necessariamente no consumo entre os adolescentes.

Por seu lado, a percentagem de alunos que declarou ter tido no último mês comportamentos de risco acrescido associados ao álcool é também elevada, nomeadamente ao nível do consumo *binge* e da embriaguez ligeira. Mesmo a embriaguez severa – que é, dos comportamentos nocivos considerados, o menos prevalente – não se pode considerar propriamente uma prática residual ou insignificante, dado que em causa estão prevalências bastante relevantes, inclusivamente na temporalidade dos últimos 30 dias. Quando a análise se restringe aos consumidores atuais, verifica-se que, no mês anterior à inquirição, cerca de $\frac{1}{4}$ se embriagou de forma severa e cerca de $\frac{1}{2}$ ingeriu bebidas alcoólicas de uma forma *binge*.

Quem declarou ter sentido maiores efeitos de embriaguez no último dia em que beberam álcool foram precisamente os alunos que consumiram bebidas alcoólicas de uma forma *binge* nos últimos 30 dias.

No entanto, não basta olhar para as prevalências de consumo, pois quando se analisa a frequência de consumo (em número de ocasiões) o que se verifica é que a ingestão de bebidas alcoólicas é tendencialmente esporádica, ainda que uma pequena percentagem de alunos declare ter consumido álcool em muitas ocasiões no último mês ou até numa base diária. Quando a análise se centra na frequência dos comportamentos de risco acrescido chega-se à mesma conclusão. Isto é, tendencialmente não está em causa um consumo de álcool que possa ser considerado intensivo ou que envolva grandes quantidades de bebidas alcoólicas de uma forma assídua.

É preciso ter sempre presente, portanto, que, nesta população, falar de consumidores atuais de bebidas alcoólicas é, na verdade, falar sobretudo de consumidores que ingerem álcool em poucas ocasiões por mês, mesmo que nessas ocasiões alguns tendam a beber em maiores quantidades. Tal reforça a ideia de que, entre os jovens, o consumo de álcool é uma prática fortemente relacionada com o contexto e não algo que se faça no dia-a-dia, fora de determinados espaços recreativos e momentos festivos²⁰. A análise das motivações de consumo declaradas pelos alunos reforça essa ideia, no sentido em que os consumidores parecem atribuir ao álcool primordialmente uma função de potenciar a diversão, e não tanto de atenuar problemas (emocionais ou outros) ou de contribuir para integração social.

Seja como for, nesta população, parece prevalecer uma pluralidade de consumos, pelo menos no que diz respeito ao tipo de bebidas alcoólicas que são ingeridas. Se há

¹⁹ Calado & Lavado, 2015.

²⁰ Ver, por exemplo, Calado & Lavado, 2015, Carapinha et al., 2015.

claramente três tipos de bebidas alcoólicas com maior expressão entre os alunos – bebidas destiladas, cerveja e *alcopops* – e duas de menor consumo – misturas caseiras e vinho –, a verdade é que mesmo aquelas de consumo mais prevalente são rejeitadas explicitamente por uma proporção relevante de consumidores (cerca de um terço). Ou seja, não há um tipo de bebida alcoólica de que quase todos os adolescentes portugueses gostem ou consumam regularmente.

Os *alcopops* são o tipo de bebida alcoólica que menos consumidores dizem nunca consumir, embora não sejam as de maior consumo ao nível da temporalidade dos últimos 30 dias. Dado o seu menor teor alcoólico, é possível admitir que este tipo de bebidas alcoólicas seja por onde se inicia o consumo habitual de álcool (isto é, para lá da simples experimentação) entre adolescentes e pré-adolescentes e, que partir destas, se passe para outras.

A cerveja também não é a bebida alcoólica de maior consumo atual mas é aquela que é consumida num maior número de ocasiões, pelo que é possível admitir que seja aquela cujo consumo se faz mais fora do contexto festivo e dos espaços de diversão noturna. Ainda que seja possivelmente aquela que é ingerida numa maior diversidade de contextos, a cerveja não é a bebida alcoólica da maior preferência dos alunos, na medida em que mais consumidores de álcool em geral afirmam nunca beber cerveja do que *alcopops* ou bebidas destiladas. É a bebida alcoólica mais associada a uma experimentação em idades precoces e também aquela que é percecionada de acesso mais facilitado a menores de idade, o que não pode deixar de estar relacionado.

As destiladas são o tipo de bebida alcoólica de maior consumo nos 30 dias anteriores à inquirição e também aquelas que, no último dia de consumo, foram ingeridas em maior quantidade (em doses). Neste ponto, aliás, Portugal destaca-se a nível europeu. Dados relativos ao ESPAD²¹, referentes exclusivamente aos alunos de 16 anos, revelam que, a seguir a Espanha, Portugal é o segundo país (em 35) onde o peso das bebidas destiladas é maior: 59% do álcool puro ingerido na última ocasião de consumo provém das bebidas destiladas, uma percentagem consideravelmente acima da média europeia. A partir da ingestão no último dia de consumo, é possível constatar que as bebidas destiladas são também aquelas que mais são consumidas em associação com outros tipos de bebidas alcoólicas. São o tipo de bebidas alcoólicas cujo consumo se inicia menos precocemente.

No entanto, nesse último dia de consumo, metade dos consumidores afirmou ter ingerido apenas um tipo de bebida alcoólica, relativamente bem distribuídos pelas principais bebidas alcoólicas, o que reforça a pluralidade de padrões de consumo entre os adolescentes portugueses de que atrás se falava.

Todos os indicadores revelam que as misturas caseiras e, sobretudo, o vinho são os tipos de bebida alcoólica de menor expressão e importância para os adolescentes

²¹ Espad Group, 2020: 64-65.

portugueses. Não obstante, o vinho destaca-se como uma das bebidas alcoólicas mais associadas a uma experimentação precoce, nomeadamente entre rapazes.

No mês anterior à inquirição, considerando apenas os alunos com menos de 18 anos de idade, a maior parte dos consumidores atuais não adquiriu bebidas alcoólicas em loja para consumo próprio, ao contrário do consumo no local – em estabelecimentos de restauração (cafés e restaurantes) e diversão noturna (bares, *pubs* e discotecas) –, que, essa sim, é uma prática predominante. Como ler estes dados? Por um lado, é possível que o domínio da oferta exerça um controlo mais efetivo no que respeita à compra de bebidas alcoólicas por parte de menores de idade do que no que se refere ao consumo das mesmas nos estabelecimentos. Por outro lado, dado que a ingestão de bebidas alcoólicas por parte dos jovens está fortemente associada ao contexto festivo, é também possível que o consumo tenha lugar tendencialmente em determinados espaços de diversão, tornando desnecessária a aquisição em lojas como supermercados, mercearias ou lojas de conveniência, por exemplo.

Reforçando a menor importância do vinho entre os adolescentes, verifica-se que esta é uma bebida menos adquirida em loja e menos consumida nos estabelecimentos.

Também a perceção da facilidade de acesso às bebidas alcoólicas suscita interrogações. De facto, de todas as substâncias psicoativas analisadas no estudo ECATD-CAD, o álcool é aquela que, de acordo com os adolescentes, é de acessibilidade menos dificultada, o que é um dado a ter em conta quando se falar em consumo precoce. Por outro lado, a perceção da facilidade de acesso varia em função do tipo de bebida alcoólica, sendo que, a partir das perceções dos alunos, a cerveja se destaca como aquela de acesso mais facilitado e as bebidas destiladas de acesso mais dificultado. Como entender que não haja uma relação direta entre consumo e acessibilidade percecionada, uma vez que as bebidas destiladas, de acesso mais difícil, são precisamente as que registam as maiores prevalências de consumo nos últimos 30 dias e aquelas que são ingeridas em doses maiores na última ocasião de consumo?

Salta à vista que há muito a trabalhar a fazer no que ao controlo social diz respeito, não só do lado da oferta mas também na vertente familiar e educacional. Esta é certamente uma questão que merece ser aprofundada em futuras análises.

Quando inquiridos acerca da hipotética reação parental perante a embriaguez do/a filho/a, a maioria dos alunos declarou que esta seria de não permitir que isso acontecesse, sendo minoritários aqueles que acham que os pais e as mães não se importariam com tal ou, até, aprovariam. No entanto, entre o grupo de consumidores atuais de bebidas alcoólicas, a perceção de intransigência parental perante a embriaguez é consideravelmente menor. A diferença de perceção da atitude parental entre consumidores atuais e o grupo dos alunos que nunca beberam álcool é enorme. Como entender este facto? Será que aqueles que acham que os seus pais não são assim tão intransigentes com a embriaguez dos filhos tendem a consumir álcool mais facilmente? Será que uma parte daqueles que já consomem álcool acha que os seus pais não se

importariam assim tanto com a sua embriaguez porque eventualmente isso até já se passou? Ou será que a atitude parental perante a embriaguez do/a filho/a não tem que ver apenas com a situação face ao consumo dos alunos mas está mais relacionada com variáveis sociodemográficas, por exemplo? Se se pensar que no relatório dedicado à dimensão problemática²² se concluiu que a rigidez do controlo parental não se revelou determinante no envolvimento numa série de problemas por parte dos alunos, talvez se justifique estender a análise a outro tipo de variáveis.

Por outro lado, ressalta como evidente o facto de os alunos (sejam estes consumidores de álcool ou não) acharem que a mãe seria mais intransigente face à embriaguez do que o pai. Numa altura em que, nas faixas etárias em causa, rapazes e raparigas registam já prevalências de consumo de um nível semelhante, como entender que tendam a considerar que (ainda) existe uma diferença em função do sexo na forma como a geração dos pais olha para o álcool, no sentido em que os adolescentes entendem que os homens tendem a desvalorizar mais o risco associado aos comportamentos nocivos relacionados com o consumo de álcool?

Em suma, a informação agora disponibilizada contribui para traçar um retrato abrangente do consumo de bebidas alcoólicas entre os adolescentes portugueses, ao mesmo tempo que abre novas pistas de investigação.

ANÁLISE EM FUNÇÃO DO SEXO

Como se constatou no relatório nacional²³, face ao último estudo, realizado em 2015²⁴, verifica-se que a prevalência da ingestão de bebidas alcoólicas manteve-se na mesma ordem de grandeza no que se refere ao consumo recente e desceu ligeiramente nas temporalidades do longo da vida e dos últimos 30 dias. No entanto, a evolução nos últimos quatro anos não foi a mesma entre rapazes e raparigas: enquanto se verificou uma descida relevante entre os alunos do sexo masculino, entre as raparigas, consoante o indicador, a prevalência manteve-se ou até aumentou ligeiramente. O resultado é uma evidente tendência de esbatimento das diferenças em função do sexo no que se refere ao consumo de álcool, incluindo os comportamentos de risco acrescido.

Não obstante esta aproximação entre rapazes e raparigas no que se refere à prevalência, os primeiros continuam a destacar-se por uma maior frequência de consumo em número de ocasiões. A quantidade ingerida (em doses) na última ocasião de consumo pouco varia em função do sexo no que se refere vinho, misturas caseiras e bebidas destiladas, sendo o consumo de *alcopops* e, sobretudo, de cerveja uma prática predominantemente masculina. Os rapazes destacam-se também noutros indicadores,

²² Calado & Lavado, 2021.

²³ Lavado & Calado, 2020.

²⁴ Feijão, 2017.

como a percepção de embriaguez na última ocasião de consumo, uma maior desvalorização do risco associado à ingestão intensiva de bebidas alcoólicas ou a precocidade do início do consumo, por exemplo.

Em suma, pese embora verificar-se uma aproximação entre rapazes e raparigas no que ao consumo de álcool diz respeito, o certo é que, por enquanto, os primeiros parecem destacar-se pela negativa em boa parte dos indicadores, incluindo alguns dos potencialmente mais gravosos. O próximo estudo, que terá lugar em 2024, será importante para confirmar ou pôr em causa esta tendência.

Não obstante, as raparigas destacam-se no consumo de bebidas destiladas, um tipo de bebida alcoólica de maior teor alcoólico, o que necessariamente não pode deixar de gerar preocupação. De facto, entre os alunos de 16 anos, a nível europeu, Portugal é dos poucos países onde, na última ocasião de consumo, as consumidoras ingeriram mais álcool puro (medido em cc de etanol) do que os consumidores, ainda que a diferença seja pouco acentuada²⁵. Por outro lado, não deve deixar de ser sublinhado que, devido às diferenças biológicas entre os dois sexos, a ingestão de bebidas alcoólicas numa quantidade semelhante tem um potencial efeito nocivo mais gravoso entre as raparigas do que entre os rapazes.

²⁵ ESPAD Group, 2020: 63.

Conclusão

Em jeito de conclusão, apresentam-se alguns números que espelham a relação que os jovens portugueses têm com o álcool, a substância psicoativa de maior consumo no país. Alguma desta informação não pode deixar de suscitar grande preocupação, enquanto outra permite, de alguma forma, relativizar a gravidade da situação no que se refere ao consumo de bebidas alcoólicas entre os alunos do ensino público com idades entre os 13 e os 18 anos.

A leitura da realidade pode ser vista por ambos os prismas mas eventualmente o mais sensato será reconhecer os sinais de alarme mas, simultaneamente, rejeitar generalizações, procurando olhar de forma equilibrada para a questão do consumo juvenil de bebidas alcoólicas, uma prática que, mais do que algo individual, pode e deve ser encarada como um fenómeno social²⁶ e, nesse sentido, enquadrada culturalmente, isto é, tendo em consideração os contextos, as normas e os fatores sociais que contribuem para que isso aconteça.

- ✓ 38% dos alunos ingeriram uma bebida alcoólica nos últimos 30 dias;
- ✓ Entre aqueles que consumiram álcool no último mês, 49% ingeriram bebidas alcoólicas somente numa ou duas ocasiões durante esse período;
- ✓ As destiladas são o tipo de bebida alcoólica de maior consumo atual (28%), seguindo-se *alcopops* (27%) e cerveja (26%);
- ✓ O vinho é a bebida alcoólica que regista a menor prevalência nos últimos 30 dias (16%) e também aquela que mais consumidores de álcool em geral dizem nunca beber (52%);
- ✓ 12% dos alunos que ingeriram pelo menos uma bebida alcoólica ao longo da vida fizeram-no há mais de ano antes da aplicação do inquérito; 29% fizeram-na na semana anterior à inquirição;

²⁶ Ver, por exemplo, Rolando & Beccaria, 2021; Savic *et al*, 2016; Nash, McQueen & Bray, 2005.

- ✓ 2% dos alunos declararam um padrão de consumo de bebidas alcoólicas numa base diária ou quase diária, o que corresponde a 5% dos consumidores atuais;
- ✓ No último mês, 20% dos alunos consumiram álcool de uma forma *binge*, 17% embriagaram-se de forma ligeira e 9% de forma severa;
- ✓ 23% dos alunos que se embriagaram severamente no último mês fizeram-no em três ou mais ocasiões;
- ✓ Na última ocasião de consumo, 50% dos consumidores de álcool em geral ingeriram bebidas destiladas;
- ✓ No último dia de consumo, 50% dos consumidores de álcool ingeriram apenas um tipo de bebida alcoólica. Nessa ocasião, 2% beberam os cinco tipos de bebidas alcoólicas considerados;
- ✓ As destiladas são as bebidas alcoólicas mais ingeridas em associação com outro tipo de bebidas;
- ✓ Com exceção das bebidas destiladas, todas as outras bebidas alcoólicas foram consumidas tendencialmente nas menores doses consideradas. Pelo contrário, 40% dos que já ingeriram alguma vez bebidas destiladas tomaram dois *shots* ou mais na última ocasião de consumo;
- ✓ A grande maioria dos consumidores de álcool declarou ter sentido poucos ou nenhuns efeitos de embriaguez na última ocasião de consumo;
- ✓ 51% dos alunos que já consumiram pelo menos uma bebida alcoólica ao longo da vida fizeram-no com 13 anos ou menos. Mesmo que tal não signifique que todos iniciaram um consumo continuado e regular de bebidas alcoólicas em idades tão precoces, o certo é que aqueles que declararam ter iniciado o consumo de álcool em idades mais precoces registam uma maior prevalência e, sobretudo, frequência de comportamentos de risco acrescido;
- ✓ A cerveja é a bebida alcoólica cujo consumo se inicia mais precocemente e as bebidas destiladas aquelas cujo consumo menos se inicia em idades tão precoces;
- ✓ Os alunos que consomem bebidas alcoólicas declaram que as motivações ligadas à diversão são aquelas que mais frequentemente se aplicam;
- ✓ A maior parte dos adolescentes atribui um risco elevado a moderado aos comportamentos nocivos considerados;
- ✓ Em comparação com os alunos que nunca ingeriram bebidas alcoólicas, os consumidores de álcool nos últimos 30 dias têm uma menor perceção dos riscos associados referidos comportamentos nocivos;
- ✓ Na sua maioria, os alunos tendem a declarar que o pai e mãe não permitiriam que se embriagassem, sendo que a reação da mãe é tendencialmente vista

como a mais intransigente face à embriaguez. O certo é que entre o grupo de consumidores atuais de bebidas alcoólicas a percepção de permissividades parental perante a embriaguez é consideravelmente maior, o que evidencia a existência de uma relação entre a atitude parental percebida e a prática da embriaguez;

- ✓ 34% dos alunos menores de idade (13-17 anos) que consumiram pelo menos uma bebida alcoólica nos últimos 30 dias adquiriram-na(s) em lojas;
- ✓ 68% dos alunos menores de idade (13-17 anos) que consumiram pelo menos uma bebida alcoólica no mês anterior à inquirição fizeram-no em estabelecimentos de restauração e de diversão noturna;
- ✓ Entre os alunos menores de idade (13-17 anos), os *alcopops* são o tipo de bebida alcoólica mais adquirido em loja para consumo próprio e a cerveja a bebida mais consumida nos referidos estabelecimentos;
- ✓ A cerveja é também a bebida alcoólica considerada de mais fácil acesso, enquanto as destiladas se destacam em sentido contrário;
- ✓ Em alguns aspetos, verifica-se uma aproximação entre os valores registados entre os alunos do sexo masculino e do sexo feminino. No entanto, os rapazes continuam a destacar-se pela maior frequência de consumo, menor percepção de risco, início de consumo mais precoce, entre outros indicadores;
- ✓ Verificam-se também diferenças consideráveis no que diz respeito ao tipo de bebida alcoólica: o consumo de cerveja é tendencialmente uma prática masculina, enquanto as raparigas registam maiores prevalências de consumo de bebidas destiladas.

A próxima edição do ECATD-CAD, prevista para 2024, permitirá perceber se estas tendências se mantêm ou se, pelo contrário, se irão alterar, com que ritmo e em que sentido.

Por exemplo, será importante confirmar o crescente esbatimento das diferenças entre rapazes e raparigas no que ao consumo de álcool diz respeito, sobretudo tendo em consideração que a ingestão de bebidas alcoólicas, em quantidades semelhantes, tem um potencial efeito mais gravoso entre as raparigas do que os rapazes.

Será igualmente importante perceber a evolução de alguns dos indicadores referentes ao consumo precoce, à acessibilidade ou aos comportamentos de risco acrescido, que necessariamente traduzem a dimensão mais gravosa do consumo entre os adolescentes.

A evolução das tendências em função da idade é algo que não poderá deixar de ser feito em futuras análises.

Por fim, será crucial olhar para a questão do controlo social e tentar perceber em que medida, quatro anos depois, a ingestão de bebidas alcoólicas por parte dos jovens está associada à forma como a sociedade como um todo olha para esta substância psicoativa.

Referências Bibliográficas

Balsa, Casimiro, Vital, Clara & Urbano, Cláudia (2018) – *IV Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoativas na População Geral, Portugal 2016/17*, Lisboa: SICAD.

Calado, Vasco & Lavado, Elsa (2021) – *ECATD-CAD 2019. Estudo sobre os Comportamentos de Consumo de Álcool, Tabaco, Drogas e outros Comportamentos Aditivos e Dependências: Portugal 2019. Dimensão Problemática*, Lisboa: SICAD.

Calado, Vasco & Lavado, Elsa (2020) – *ECATD-CAD 2019. Estudo sobre os Comportamentos de Consumo de Álcool, Tabaco, Drogas e outros Comportamentos Aditivos e Dependências: Portugal 2019. Relatório Regional*, Lisboa: SICAD.

Calado, Vasco & Lavado, Elsa (2015) – *Consumo e Representações Sociais do Álcool. Inquérito ao público jovem presente no Rock in Rio – Lisboa 2010/2014*, Lisboa: SICAD.

Carapinha, Ludmida et al. (2014) – *Os Jovens, o Álcool e a Lei. Consumos, atitudes e legislação*, Lisboa: SICAD.

ESPAD Group (2020) – *ESPAD Report 2019: Results from the European School Survey Project on Alcohol and Other Drugs*. Luxemburgo: Publications Office of the European Union.

Feijão, Fernanda (2017) – *Estudo sobre os Comportamentos de Consumo de Álcool, Tabaco, Drogas e outros Comportamentos Aditivos e Dependências, Portugal 2015*. Alunos do ensino público, de cada um dos grupos etários dos 13 aos 18 anos: resultados globais e por género, Lisboa: SICAD.

Lavado, Elsa & Calado, Vasco (2020) – *ECATD-CAD 2019. Estudo sobre os Comportamentos de Consumo de Álcool, Tabaco, Drogas e outros Comportamentos Aditivos e Dependências: Portugal 2019. Relatório Nacional*, Lisboa: SICAD.

Nash, Susan, McQueen, Amy & Bray, James (2005) – “Pathways to Adolescent Alcohol Use: family, environment, peer influence, and parental expectations”, *Journal of Adolescent Health*, 37 (1), 19-28.

Rolando, Sara & Beccaria, Franca (2021) – “Adolescent Perceptions of Alcohol Consumption: a cultural approach”, in Richard Cooke *et al.* (Eds.), *The Palgrave Handbook of Psychological Perspectives on Alcohol Consumption*. <https://doi.org/10.1007/978-3-030-66941-6>

Savic, Michael *et al.* (2016) – “Defining «Drinking Culture»: a critical review of its meaning and connotation in social research on alcohol problems”, *Drugs: Education, Prevention and Policy*, 23 (4). <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.3109/09687637.2016.1153602>

Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências (2020) – *Relatório Anual 2019. A situação do país em matéria de álcool*, Lisboa: SICAD.



REPÚBLICA
PORTUGUESA

SAÚDE



SICAD

Serviço de Intervenção nos
Comportamentos Aditivos
e nas Dependências

Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências
Alameda das Linhas de Torres n.º 117 | Edifício D. Carlos I, 2º andar | 1750-147 Lisboa
T. +351 211 119 000 | www.sicad.pt